











A REVOLUÇÃO DE 1930 EM REVISTA:

REGISTROS ICONOGRÁFICOS (*O CRUZEIRO, JORNAL DAS MOÇAS, NAÇÃO BRASILEIRA* E *VÍDA DOMÉSTICA*)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

A REVOLUÇÃO DE 1930 EM REVISTA: REGISTROS ICONOGRÁFICOS (O CRUZEIRO, JORNAL DAS MOÇAS, NAÇÃO BRASILEIRA E VIDA DOMÉSTICA)





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS
1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

Francisco das Neves Alves

A REVOLUÇÃO DE 1930 EM REVISTA: REGISTROS ICONOGRÁFICOS (*O CRUZEIRO, JORNAL DAS MOÇAS, NAÇÃO BRASILEIRA* E *VIDA DOMÉSTICA*)



- 59 -











Lisboa / Rio Grande 2021

Ficha Técnica

- Título: A Revolução de 1930 em revista: registros iconográficos (*O Cruzeiro, Jornal das Moças, Nação Brasileira* e *Vida Doméstica*)
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Documentos, 59
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Capa: Alegoria de Osvaldo Teixeira alusiva à Revolução de 1930, publicada em A Revolução Nacional, edição especial de O Cruzeiro
- Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Dezembro de 2021

ISBN - 978-65-89557-31-9

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e sessenta livros.



Conselho Editorial/Científico

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra CIPSH de Estudos Globais – CEG)

José Eduardo Franco (CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

APRESENTAÇÃO

De acordo com o escopo voltado ao levantamento documental pertinente a esta Coleção, este livro destaca as repercussões da Revolução de 1930 nas páginas de quatro revistas editadas na capital brasileira neste ano final da década de 1920. No âmbito do jornalismo brasileiro, "o terceiro decênio do século foi de grande desenvolvimento da imprensa, particularmente no sentido de consolidar sempre a estrutura empresarial". Em tal contexto, algumas revistas acabaram "ganhando circulação nacional". Assim, a partir dos anos 1930, a edição de revistas caracterizou-se "pela introdução de novas técnicas de impressão", e "por uma redefinição no perfil do mercado editorial, ávido por informações atualizadas". Esses "fatores foram definitivos para a mudança no padrão estético e informativo das revistas", levando em conta o destaque para "a notícia, a interpretação dos fatos nacionais e internacionais e as fotografias, em grande formato, que lhes eram associadas"².

O conteúdo apresentado pelas revistas "não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, dos objetivos propostos, do público a que se destinava e das relações estabelecidas com o mercado", já que essas "opções colaboram para compreender outras, como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial,

¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil.* 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 371-372.

² MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p. 376.

periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade", bem como "presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos". Nessa linha, "a estrutura interna, por sua vez, é dotada de historicidade e as alterações aí observadas resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais". Em torno das revistas "se reuniam e disciplinavam forças e instrumentos de combate e intervenção no espaço público", vindo a oferecer "oportunidades privilegiadas para explicitar e dotar de densidade os embates em torno de projetos políticos e questões artístico-literárias que, longe de esgotarem-se em si mesmas, dialogam intensamente com os dilemas do tempo"³.

Nesse quadro, "tempos modernos" se anunciavam "nas páginas impressas de veículos que se renovavam, sinalizando e imprimindo uma nova mentalidade"⁴. Para a edição das revistas ficava reservada "a especificidade de temas, a intenção de aprofundamento e a oferta de lazer tendo em vista os diferentes segmentos sociais". Tais "publicações atendiam a interesses diversos, não apenas como mercadorias, mas ainda como veículos de divulgação de valores, ideias e interesses"⁵. A revista, "na sua modalidade específica de impresso ligeiro, beneficiou-se profundamente" de uma "circunstância literária,

_

³ LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. 2-3.

⁴ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 101.

⁵ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 105.

técnica e mercadológica", que lhe foi favorável. Constituindo um "periodismo veiculador de textos ligeiros, de consumo imediato, permitindo e até privilegiando a coexistência de vários pontos de vista". Desse modo, multiplicaram-se "revistas de dimensões múltiplas, concebidas por homens de negócios e voltadas para públicos já delineados", constituindo "impressos de maior vigência ou grande tiragem" que "tinham à frente homens que bancavam esse 'negócio', comprometidos com a busca do lucro, afinados com as fórmulas de sucesso mercantil". Esses periódicos "caracterizaram-se pela síntese e pela informação", de modo que ficava demarcada a premissa "de passar em revista temas, informações, estados de alma, enfim, toda uma prática e produção cultural de época", de modo a corroborar "a característica mais forte do periódico de 'espelhar o presente'".

Os progressos tecnológicos foram um diferencial para o aprimoramento da edição das revistas, mormente no que tange à inserção de registros fotográficos, em profusão cada vez maior, chegando até mesmo ao predomínio das fotorreportagens. Dessa maneira, as revistas da época em pauta "dispunham, graças ao apuro tecnológico da reprodução gráfica, de meios para incluir, de forma direta, a fotografia". Nesse sentido, "os instantâneos da vida urbana ditavam moda e comportamentos, bem ao gosto da burguesia e das emergentes camadas médias, que se viam retratadas nas bem cuidadas

-

⁶ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922).* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008. p. 142, 144, 145 e 148.

páginas" dos periódicos. Tais publicações eram dirigidas "ao público urbano, ávido por novidades, e traziam textos ligeiros e muitas imagens, fórmula que se renovou e alcançou circulação nacional". Na prática da fotorreportagem ficava estabelecida "uma linguagem jornalística visual, correspondente a uma série não linguística nem paralinguística", de modo que, "cada vez que uma imagem", estando "sozinha ou associada a outros elementos, transmitida ou não pelo mesmo canal" passa a ser "destinada a um público, mais ou menos complexo, mais ou menos coletivo", fica estabelecida "uma mensagem jornalística".

Nessa linha, as revistas compuseram "o perfil de uma época em que as imagens fotográficas" predominavam, constando tais edições como "seu principal veículo de divulgação", de forma que, "mediante uma composição editorial adaptada a seu próprio tempo e às tendências internacionais, criava modas e impunha comportamentos". Como "janelas que se abriam para o mundo retratado na foto", as "revistas contribuíram para a generalização do mito da verdade fotográfica", e, "ao mesmo tempo, por meio de suas crônicas e notas sociais, impunham valores, normas e criavam realidades". Em um determinado "contexto histórico-cultural, as narrativas convencionais no fotojornalismo contribuem para que se forneça significado social a determinados acontecimentos em detrimento de outros", de maneira a promover-se, "por conseguinte, aqueles, e não estes, à categoria de notícias",

⁷ LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013. p. 112.

⁸ PELTZER, Gonzalo. *Jornalismo iconográfico*. Lisboa: Planeta Editora, 1992. p. 82.

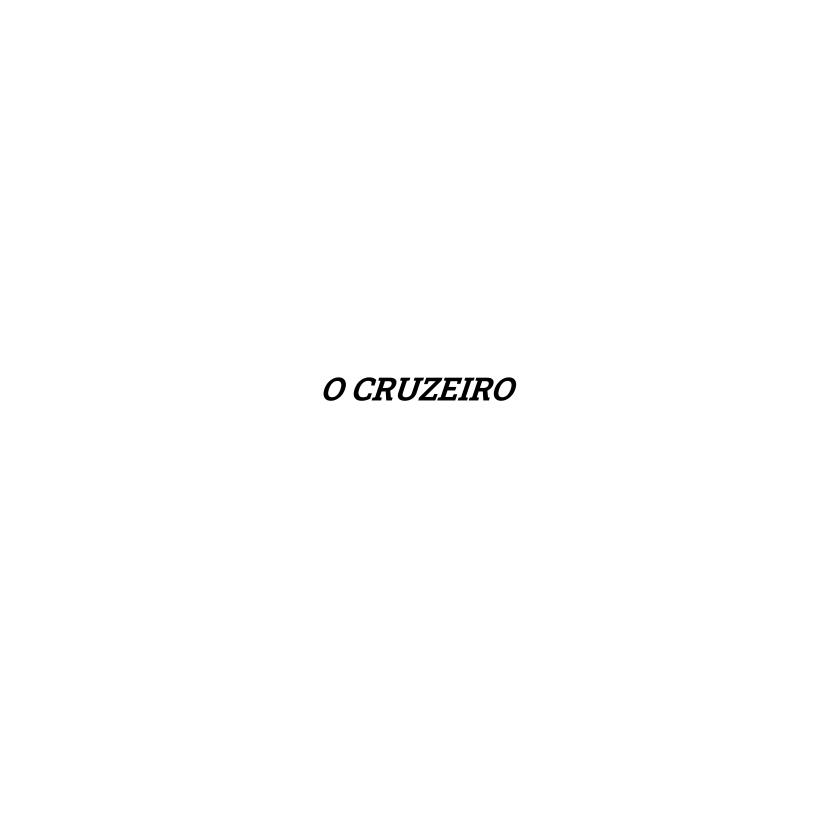
vindo a concorrer "para dar aparência de ordem ao caos que é a erupção aleatória de episódio, conferindo inteligibilidade ao real".

_

⁹ MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p. 371-372 e 382.

ÍNDICE

O Cruzeiro	17
Jornal das Moças	99
Nação Brasileira	147
Vida Doméstica	183



A revista O Cruzeiro começou "a circular em 1928 e seria incorporada à empresa dos Diários Associados", uma das mais importantes em seu ramo no contexto brasileiro. Tal publicação obteve significativo sucesso, chegando a ganhar "circulação nacional, no que foi pioneira"10. Ela contou com "uma distribuição privilegiada por usar o mesmo sistema de bancas de jornal que vendiam" os demais periódicos então em circulação¹¹. Desde o início, contou com eficiente prática de divulgação, promovendo a intenção de constituir a "revista semanal mais moderna do país". Utilizando-se de variados meios de transporte, conseguiu "abranger todos os núcleos importantes, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul". Nesse quadro, o periódico "alcançou enormes tiragens e se transformou em ícone das revistas ilustradas e de variedades"12. Desde os primeiros números, O Cruzeiro se apresentava como "Revista Semanal Ilustrada", destacando que contava com "agências em todas as cidades do Brasil" e com "correspondentes em Lisboa, Paris, Roma, Madri, Londres, Berlim e Nova York". A quantidade de 50.000 foi anunciada como o número de exemplares da tiragem ainda no primeiro número da revista.

Tal publicação constituiu um "marco na história do jornalismo brasileiro, tanto por introduzir uma linha editorial de influência marcadamente norte-

¹⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil.* 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 372 e 388.

¹¹ CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2008. p. 207.

¹² COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2008. p. 105-106.

americana, como pelo aumento significativo no uso de fotos". Os editores da revista mantiveram "o intuito de reafirmar o papel predominante da imagem sobre o texto", investindo "na modernização dos equipamentos de impressão", visando à "melhoria da qualidade da imagem fotográfica", de maneira que "as páginas de *O Cruzeiro* ganhariam cor, a princípio exclusivamente em ilustrações e caricaturas, e, bem mais tarde, em fotografias". No mesmo sentido, constituía "uma revista com papel de melhor qualidade, repleta de fotografias" e "com os mais notáveis articulistas e escritores do Brasil e do exterior compondo seu quadro de intelectuais, além de assinar todos os serviços internacionais de artigos e fotografias". A partir dessa ação, "*O Cruzeiro* promoveria uma reformulação geral no padrão" do modelo jornalístico em questão, que teve "de reordenar toda a sua linha editorial para poder concorrer com o novo padrão estético imposto pela revista"¹³.

Ao definir seu conteúdo programático¹⁴, a publicação apresentava-se como "a mais moderna revista brasileira", associando tal modernidade às transformações urbanas ocorridas na capital federal, ao afirmar que suas "irmãs mais velhas nasceram por entre as demolições do Rio colonial, através de cujos escombros a civilização traçou a reta da Avenida Rio Branco", a qual equivaleria a "uma reta entre o passado e o futuro". Seguindo a linha do caráter

¹³ MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder.* Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p. 374-375, 377, 378 e 380-381.

¹⁴ CRUZEIRO. Rio de Janeiro, 10 nov. 1928.

modernizador, a redação da revista afirmava que "Cruzeiro encontra já, ao nascer, o arranha-céu, a radiotelefonia e o correio aéreo", o que equivaleria ao "esboço de um mundo novo no Novo Mundo". Em referência ao nome do periódico, era explicado que o mesmo derivava "da constelação que, há milhões incontáveis de anos, cintila, aparentemente imóvel, no céu austral", assim como também era a denominação "da nova moeda em que ressuscitará a circulação do ouro". Na mesma linha, explicitava-se que aquele seria um "nome de luz e de opulência, idealista e realístico, sinônimo de Brasil na linguagem da poesia e dos símbolos". Ainda a respeito do título, era lembrado que o Cruzeiro do Sul trazia consigo o "timbre de estrelas na bandeira da Pátria", tendo constituído, "desde o primeiro dia da sua história, um talismã". Eram feitas referências aos tempos coloniais, concluindo-se que, "volvidos quatro séculos, a bandeira nacional recolhia num losango de céu a constelação tutelar, restaurando na linguagem dos símbolos o nome do batismo de 1500". Nesse sentido, concluía-se que Cruzeiro seria "um título que inclui nas suas três sílabas um programa de patriotismo".

Na definição do norte editorial da novel edição, a redação apontava que "uma revista, como um jornal, terá de ter, forçosamente, um caráter e uma moral", ou seja, "de um modo genérico, princípios", demarcando que, de tal "obrigação não estão isentas as revistas que se convencionou apelidar de frívolas". Em oposição a essa versão, ficava determinado que "a função da revista ainda foi, entre nós, suficientemente esclarecida e compreendida", uma vez que, em um "país da extensão desconforme do Brasil, que é uma amálgama de nações com uma só alma", a revista viria a reunir "um complexo de

possibilidades que, em certo sentido, rivalizam ou ultrapassam as do jornal". Diante disso, era apontada a relevância daquele tipo de publicação, já que "o seu raio de ação é incomparavelmente mais amplo no espaço e no tempo". Diante disso, era estabelecido um paralelo entre os dois tipos de edição, com a explicação de que "um jornal está adstrito às vinte e quatro horas da sua existência diária", ou seja, "cada jornal nasce e fenece, para renascer no dia seguinte", equivalendo a "uma metamorfose consecutiva". Ainda a esse respeito, ficava exposto que "o jornal de ontem é já um documento fora de circulação" e "um documento de arquivo e de biblioteca", pois sua duração seria a de "um dia", e tal "existência, tão intensa como breve, dificulta os grandes percursos", trazendo por significado "um voo célere e curto", o qual se poderia ser equiparado à "própria vida".

Na continuidade da comparação, era argumentado que, por outro lado, a revista seria "um compêndio da vida", uma vez que "a sua circulação não está confinada a uma área traçada por um compasso cujo ponteiro móvel raro pode exceder um círculo de raio superior à distância máxima percorrível em vinte e quatro horas". Além disso, ficava explicitado que a circulação da revista era mais ampla, com a distribuição de norte a sul do país, em uma "expansão" que envolvia "meios de condução terrestre, marítima, fluvial e aérea", de modo que tal edição "entra e permanece nos lares", proporcionando a "leitura da família e da vizinhança". Em síntese, era apontado que "a revista é o estado intermédio entre o jornal e o livro", vindo a ter um "campo de ação mais vasto", apresentando, na "interpretação dos acontecimentos" a prática de "um critério menos particularista do que o do jornal".

Ainda em sua apresentação, o corpo redacional do novo periódico demarcava que a revista constituía "um instrumento de educação" e de expansão da cultura, em meio a qual se poderia "mostrar a virtude, ostentar a beleza, revelar o talento" e "empenhar o progresso", bem como teria uma "expressão educativa e estética". A redação pretendia assim que o *Cruzeiro* seguisse o itinerário de constituir "um espelho leal, onde se reflete a vida nos seus aspectos edificantes, atraentes e instrutivos", uma vez que, em resumo, uma revista deveria ser "uma escola de bom gosto". Retomando a abertura do programa, os redatores enfatizavam que *Cruzeiro* era a "mais moderna das revistas", refletindo a modernidade e a "civilização ascensional do Brasil", acompanhando "o seu grandioso porvir", servindo como "documento registrador" de tal ascensão. Ao fim, concluía que a publicação recém-lançada pretendia ser "mais perfeita, mais completa", bem como mais "moderna, amanhã do que é hoje".

Por ocasião da edição correspondente a 25 de outubro de 1930, a revista anunciava "um programa de remodelação geral", com alterações técnicas, na formatação e no número de páginas, promovendo por meio de tal anúncio, "a adaptação dos leitores a elementos introduzidos no suporte impresso até então ausentes da imprensa nacional"¹⁵. Nas edições de novembro de 1930, *O Cruzeiro* buscou "apresentar a Revolução enquanto evento de unificação nacional, de mudança e modernização do país", tendo contado "com um maciço

¹⁵ BARBOSA, Marilva. *O Cruzeiro:* uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira. In: *Ciberlegenda*, v. 7, 2002, p. 9-10.

engajamento da sociedade". O número de 8 de novembro de 1930 constituiu "um marco da história da revista inclusive o retorno de sua numeração para o número '1', simbolizando o início de uma nova era para o país"¹⁶.

Além da cobertura nas edições semanais, O Cruzeiro lançou uma publicação especial a respeito da Revolução de 1930. Tal edição especial recebeu a denominação de A Revolução Nacional - documentos para a História¹⁷. Tal título já revelava em si a intenção de apresentar o movimento rebelde como uma "revolução nacional", ou seja, como um processo que se espalhara por todo o território brasileiro, assim como teria contado com o apoio do conjunto da nação. No que se refere ao subtítulo, ao pretender constituir um "documento para a História", a empresa demarcava a intenção de colocar à disposição do público uma "obra" que não deveria ter o caminho comum de muitos exemplares de periódicos, ou seja, o descarte após a leitura, e sim, ser reservada e preservada, como uma fonte de informações e registro dos acontecimentos, a ser consultada em tempos futuros. O primor editorial foi a principal marca da publicação, trazendo uma rebuscada composição, como no caso da disposição do material iconográfico, da profusão de fotografias e até mesmo nos detalhes das imagens, como foi caso da utilização de molduras, que adornavam o material imagético. A capa da revista trazia a figura de uma dama com a coroa

¹⁶ ROMANELLO, Jorge Luiz & OLIVA, Alfredo dos Santos. A revista *O Cruzeiro* e as primeiras memórias da Revolução de 1930 no Brasil. In: *Ciencias Sociales y Educación*, v. 4, n. 8, jul.-dez., p. 32 e 41.

¹⁷ A REVOLUÇÃO NACIONAL – Documentos para a História. Edição de *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, [193–].

de louros à cabeça, representando a vitória. O significado simbólico de tal figura feminina poderia ser a inspiração na imagética da própria revolução, que estaria a chegar na sua culminância¹⁸; da liberdade, anunciada pelos novos detentores do poder; ou até mesmo da república, em analogia à República Nova que os revolucionários diziam pretender implantar. A dama abria uma cortina para observar as tropas revolucionárias que avançavam, aparecendo ao fundo as bandeiras do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e da Paraíba, em referência aos epicentros rebeldes.

Logo na abertura da revista aparecia uma imagem com figuras míticas aladas, uns portando espadas para promover a defesa e outros trombetas, para anunciar uma dama que ostentava um livro, em alusão ao registro dos episódios revolucionários. Logo abaixo aparecia o título da publicação — "A Revolução Nacional" e eram apresentados os retratos de Nilo Peçanha, Rui Barbosa e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, identificados como os "Os percursores", em referência aos processos de ruptura oligárquica, que, em processos eleitorais, marcaram a República Velha, ou seja, a Campanha Civilista, a Reação Republicana e a Aliança Liberal. Em seguida era editada uma das matérias textuais da revista, intitulada "A gênese da Revolução — o ciclo revolucionário", a qual afirmava que "a grande revolução, que se ultimou pelo triunfo estrondoso

¹⁸ As "revoluções sempre foram celebradas por meio de imagens, desde que obtivessem sucesso". Ao mesmo tempo, "a função das imagens é ainda mais importante enquanto a revolução está acontecendo", uma vez que "elas têm muitas vezes contribuído para politizar pessoas comuns, especialmente – mas não exclusivamente – em sociedades poucos letradas". BURKE, Peter. Testemunha ocular – o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 217.

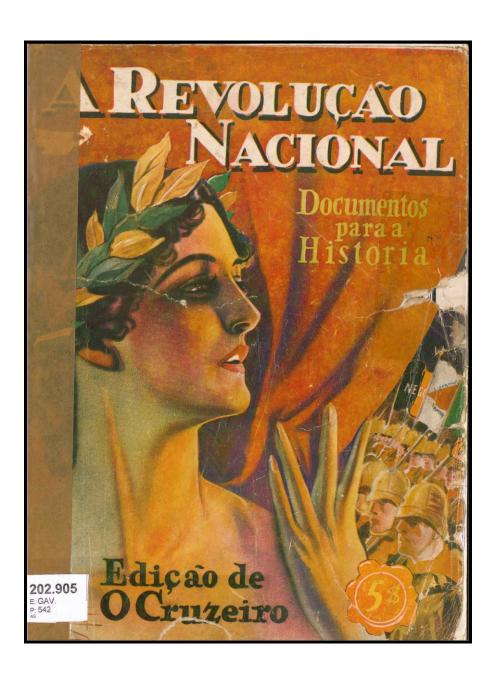
do candidato da Aliança Liberal, teve na eleição presidencial de março o seu prólogo combativo e a sua gênese vitoriosa". A publicação chamava atenção para o papel de Minas Gerais na composição da chapa liberal, coligada com gaúchos e paraibanos, apresentando uma alternativa "em oposição às candidaturas apoiadas, senão impostas, pelo Catete, na continuidade de um hábito inveterado", o qual "substituía à vontade popular o arbítrio onipotente do chefe do Estado na escolha do seu sucessor".

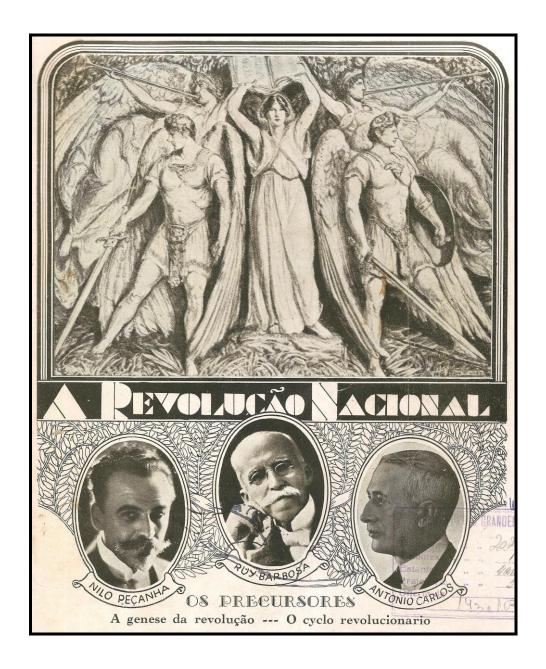
Demonstrando olhar favorável à causa aliancista, a revista lembrava as oportunidades em que Rui Barbosa, com a Campanha Civilista, e Nilo Peçanha, com a Reação Republicana, "já haviam tentado, sem êxito, opor-se às invulneráveis candidaturas oficiais", entretanto, houvera "o insucesso desses grandes movimentos de opinião, que mobilizaram para a luta essencialmente democrática das urnas alguns centos de milhares de eleitores", tendo "deixado as oligarquias políticas compenetradas de que estavam ainda longínquos tempos favoráveis à prática dos puros princípios republicanos e à redução dos poderes eleitorais do Presidente". Nesse quadro, o periódico considerava que as chances de êxito da Aliança Liberal teriam sido consideráveis, uma vez que tal frente política estaria a trazer consigo "uma aspiração de regeneração política, servida por uma falange de parlamentares, de magistrados, de jurisconsultos, de sociólogos e de jornalistas", os quais "representavam a elite da nova mentalidade política brasileira".

Diante da vitória atribuída ao candidato situacionista, a revista argumentava que os tantos erros cometidos pelos governistas, teriam servido

para "arremessar os contendores para solução dramática da força", em um quadro pelo qual, "o patriotismo, a eloquência e a bravura" haviam se coligado e buscado o caminho revolucionário, constituindo uma "poderosa aliança" contra a qual "o governo nada mais tinha a opor senão a passiva subserviência e o comodismo cético dos políticos". Explicitava que, daí em diante, "tudo se desenvolveu até a vitória da Revolução, dentro da lógica a mais inflexível na ética política", vindo "as oligarquias políticas estaduais, cujo poder era meramente artificial", a ruir. Perante a vitória dos rebeldes, o periódico constatava que "o Brasil certificou ao mundo que o seu povo sabia combater e derramar o sangue por um ideal", bem como que "o povo brasileiro, consciente dos seus deveres, dos seus direitos e dos seus destinos, exigia novas normas políticas e administrativas, ao nível da educação cívica operada na consciência nacional".

Esta parte inicial trazia como ilustrações, imagens vinculadas às forças governistas decaídas diante da Revolução. Nessa linha, apareciam os retratos do Presidente Washington Luís e seu Vice, Mello Vianna, além de sete membros de seu Ministério. Detalhe interessante é que no registro iconográfico, a figura de Getúlio Vargas ainda aparecia como Ministro da Fazenda, embora ele já tivesse deixado o cargo, desde que fora eleito para o governo do Rio Grande do Sul. Além desses, compunham o quadro o Prefeito do Distrito Federal e o Chefe de Polícia. Na outra página, apareciam os retratos de Júlio Prestes e Vital Soares, candidatos situacionistas, respectivamente à Presidência e Vice-Presidência da República, nas eleições recém-efetuadas.









Em seguida, a edição especial de O Cruzeiro recorria preferencialmente à transcrição de documentos e manifestos, bem como dava maior destaque à fotorreportagem. Dessa maneira, tratou da eleição presidencial de 1930, abordando a Plataforma da Aliança Liberal, transcrevendo-a, com destaque aos seguintes pontos: anistia, leis compressoras, legislação eleitoral, justiça federal, ensino secundário e superior, autonomia do Distrito Federal, questão social, imigração, Exército e Armada, funcionalismo público, carestia de vida e regime fiscal, plano financeiro, desenvolvimento econômico, convênio e tratados de comércio, instrução, educação e saneamento, obras contra a seca, colonização da Amazônia, vias de comunicação, pecuária, reforma do Banco do Brasil, defesa da produção e café. A matéria era ilustrada com a cena da leitura do conteúdo programático aliancista, diante de numeroso público, encimada pelas fotografias dos candidatos Getúlio Vargas e João Pessoa. Os mesmos políticos apareciam em outra fotografia, agradecendo "as manifestações populares"; enquanto outro registro mostrava a grande concentração de público para assistir a manifestação da Aliança Liberal; e ainda outro apresentava os dois candidatos "aclamados pela multidão".









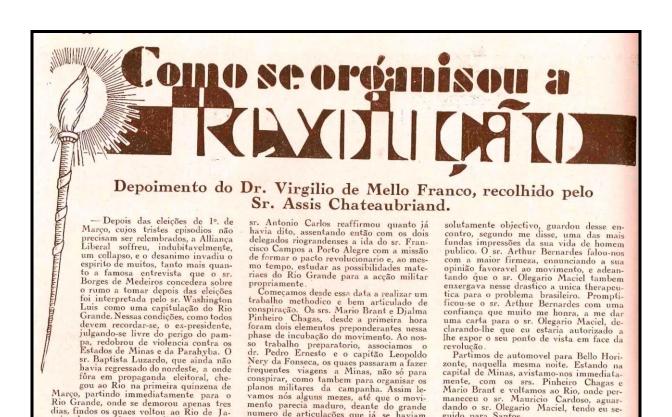
O próximo tópico abordado pela folha foi um dos mais importantes fatores catalisadores da Revolução, ou seja, o assassinato de João Pessoa, guindado à personalização do mártir que perecera pela causa, embora sua morte não tivesse vínculo direto com o movimento. A busca pelo convencimento e a intenção de heroicizar o personagem eram tão evidentes, que uma das fotografias trazia a imagem do próprio cadáver, além de outra que mostrava o ataúde, durante o velório e várias outras, trazendo as amplas manifestações populares diante daquele falecimento.





A estratégia das transcrições era mantida na matéria "como se organizou a Revolução", com a citação de um depoimento prestado pelo político mineiro Virgílio de Mello Franco ao jornalista Assis Chateaubriand. Ao canto da página, a flama revolucionária ilustrava a entrevista. Também foi dado destaque para "O manifesto do Chefe da Revolução", enfatizando que a fala obtivera repercussão no estrangeiro e apontando as dificuldades da manifestação ter chegado ao sul

do Brasil, por causa da censura governamental. No topo da página aparecia Vargas, sentado à sua mesa de trabalho, com uma bandeira nacional estilizada ao fundo da cena.



38

mento parecia maduro, deante do grande numero de articulações que já se haviam feito, quer em Minas e Rio Grande, quer em outros Estados do Brasil, principalmente no nordeste, onde o general Juarez Tavora e o sr. José Americo, como representante de João Pessoa, preparavam o

esplendido surto a que mais tarde viemos

guido para Santos.

Na vespera da minha chegada a Porto Alegre, foi assassinado o presidente João Pessoa. Encontrei o Rio Grande, desde o

sr. Getulio Vargas até o mais humilde dos peões, vibrando de indignação e de revolta.

A mobilização dos espiritos e das conscien-

cias estava já concluida, para que o pan

Rio Grande, onde se demorou apenas tres

dias, findos os quaes voltou ao Rio de Ja-neiro de novo. No mesmo dia de seu regres-so, o deputado libertador convocou-me á sua

residencia, e me expoz o ponto de vista do Rio Grande, cujas correntes politicas en-tendiam que o caso brasileiro não se podia

resolver mais por um processo lento de

evolução, mas sim pela acção directa re-



O manifesto dirigido á Nação pelo presidente do Rio Grande do Sul e chefe da Revolução Nacional, sr. Getulio Vargas, teve uma ampla divulgação no estrangeiro, sendo publicado na integra pelos principaes jornaes da Argentina, do Uruguay e do Chile, e irradiado pelas estações de radio. O povo brasileiro, na sua quasi totalidade, com excepção dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paraná, só o leu depois do dia 24, quando, abolida a censura pela deposição do governo do sr. Washington Luis, foi então dado a conhecer pela imprensa.



NGUEM ignora o persistente esforço por mim levado a cabo desde o começo

presidencial da Republica, no sentido de que o pleito eleitoral se mantivesse rigorosamente no terreno da ordem e da lei. Jámais me inclinei para a revolução, nem sequer proferi uma palavra de ameaça. Sempre que as contingencias me obrigaram a falar ao publico appellei para o sentimento de cordialidade e as inspirações do patriotismo, afim de que a crescente exaltação dos espiritos não desencadeasse a desordem material. Ainda quando percebi que a hypertrophia

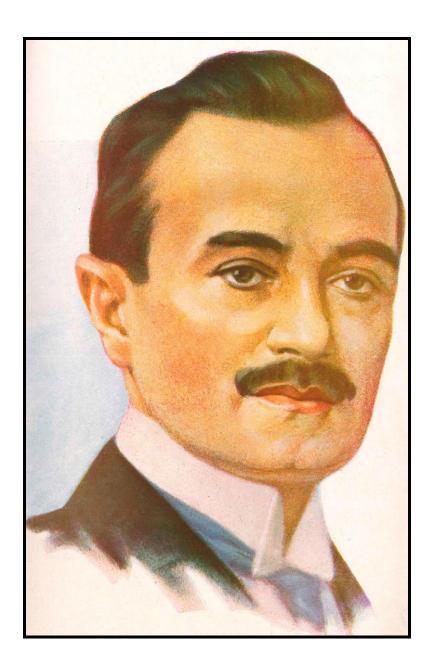
medida, absorvendo os tres poderes, anniquilava o regimen e assumia de maneira extensiva a direcção da luta eleitoral, em favor do meu oppositor tentei uma solução conci- jos generalizados do povo brasileida campanha liadora. As violencias e persegui- ro. Esforcei-me tambem para que para a successão ções previas, como acto preparatorio da fraude, punham em evidencia que, depois do pleito eleitoral tenderiam a que a cumplicidade de um Congresso sem comprehensão dos seus altos deveres nos levasse ao ajuste de contas pelo sacrificio de direitos de todos os elementos incorporados á corrente liberal.

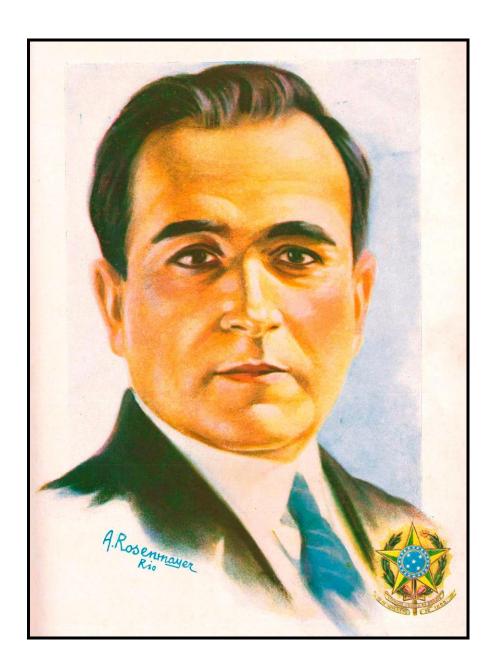
Sempre estive igualmente prompto á renuncia de minha candidatura, assumindo as responsabilidades de todas as accusações que, por certo, recairiam sobre mim, uma vez adoptadas as medidas que satisdo executivo, inteiramente fóra da fizessem as legitimas aspirações col- de que a collectividade obtivesse as-

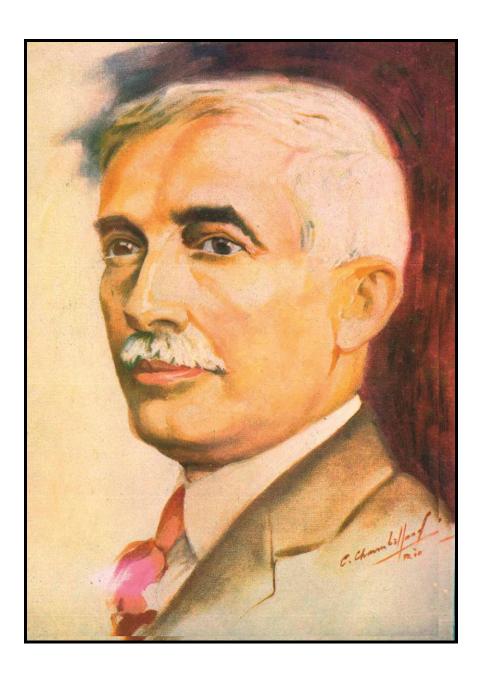
lectivas, com a aceitação dos principios propugnados pela Alliança Liberal e a execução das providencias que correspondessem aos desea campanha continuasse dentro de um regimen de garantias e respeitos integraes, iguaes a todos os direitos consagrados pelos suffragios eleitoraes. Sómente tal conducta permittiria que depois do pleito pudessem os adversarios dar lealmente por terminada a luta, conciliando-se, desde logo, sem resenti-

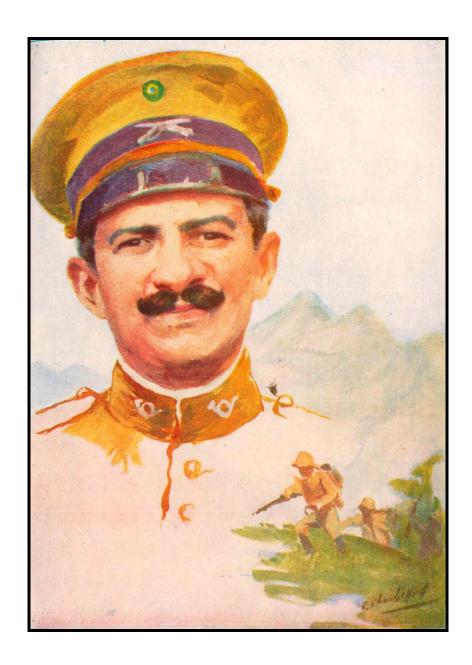
Estive prompto a assumir, com a renuncia de toda a aspiração politica e da propria posição que occupo, a responsabilidade integral dos actos determinantes da luta, afim

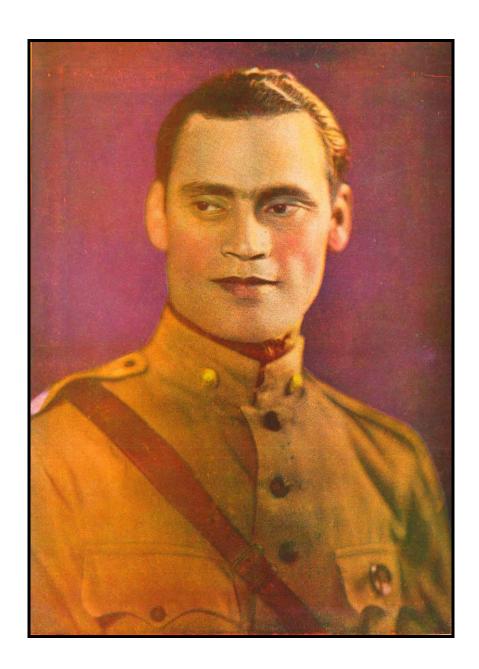
Dentre os registros iconográficos da publicação A Revolução Nacional, houve o destaque especial para alguns dos personagens que atuaram no conjunto do processo revolucionário e mesmo uma construção imagética, simbolizando a Revolução. Tais gravuras eram coloridas, o que aumentava o seu destaque no seio da edição. Os personagens enfatizados foram João Pessoa, governante da Paraíba e candidato na Aliança Liberal; Getúlio Vargas, cabeça de chapa da Aliança e empossado Presidente, após a Revolução, posto demonstrado pela presença do escudo nacional na representação; Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, político mineiro e articulador da Aliança Liberal; Aristarco Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, chefe militar das forças rebeldes mineiras; Juarez Távora, comandante revolucionário do Norte; Tasso Fragoso, um dos membros da Junta Militar que promoveu a queda de Washington Luís; e Sebastião Leme, cardeal que auxiliou nas negociações para o afastamento do Presidente deposto. Na mesma categoria, foi publicada uma criação artística de autoria do pintor carioca Osvaldo Teixeira, apresentando três cavaleiros, cada qual com as bandeiras dos Estados originários da Revolução - Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba. As figuras equestres trazem consigo a simbologia daquele que venceu e dominou a sua montaria, assim como as dificuldades que o cercam, no caso, em analogia ao triunfo dos rebeldes. Na alegoria, o cavaleiro gaúcho trazia ao pescoço o lenço vermelho, simbolizando a revolução em si e, ao fundo, os raios de sol traziam consigo o sentido da vitória e de um porvir de glórias.

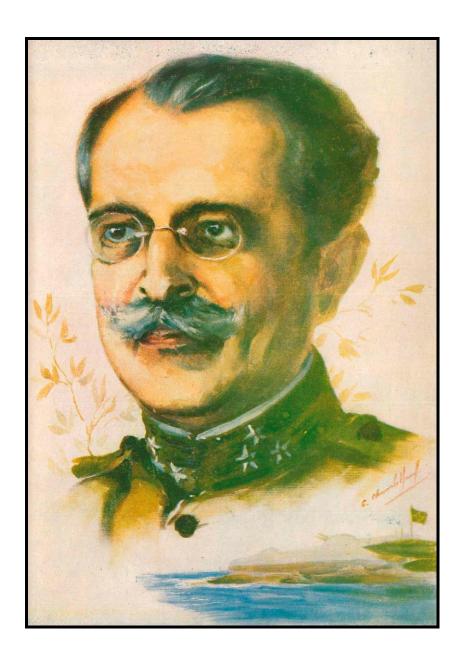




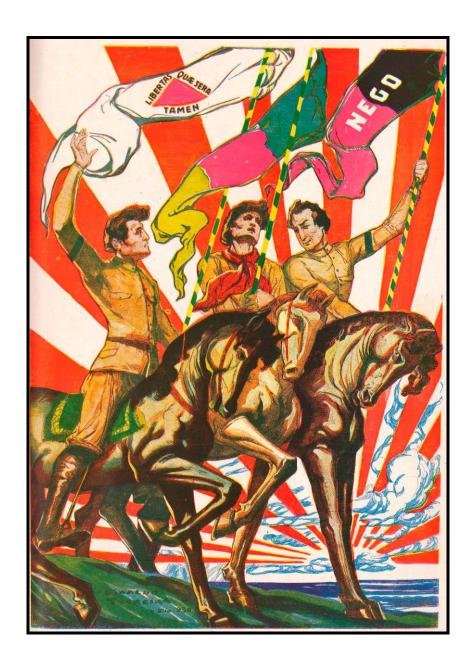




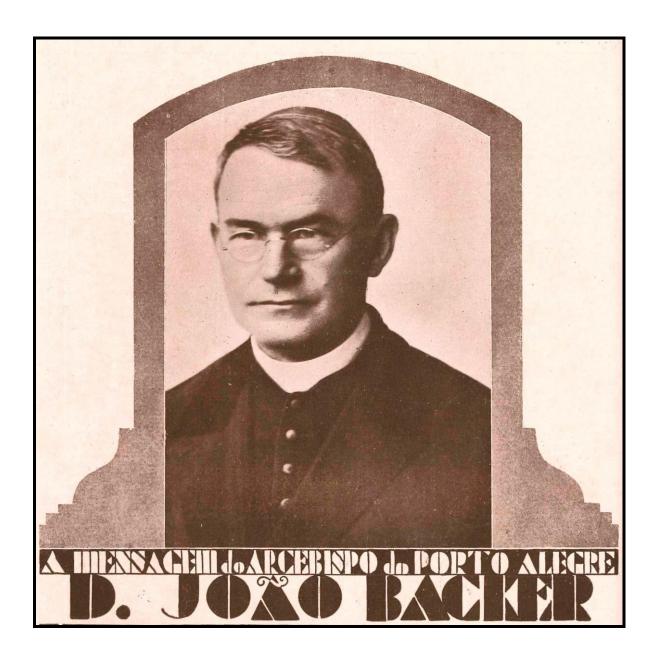




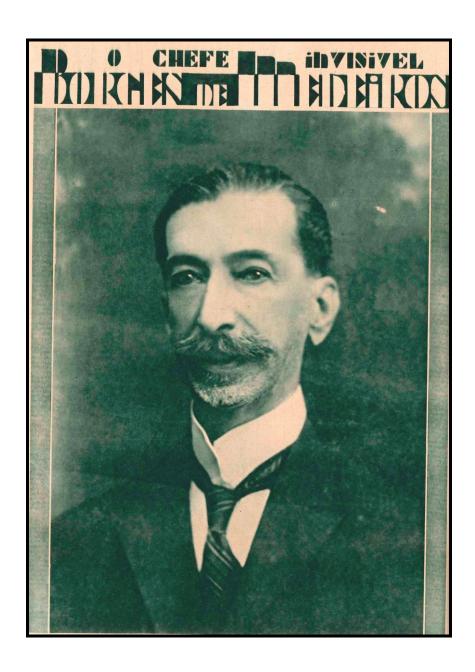


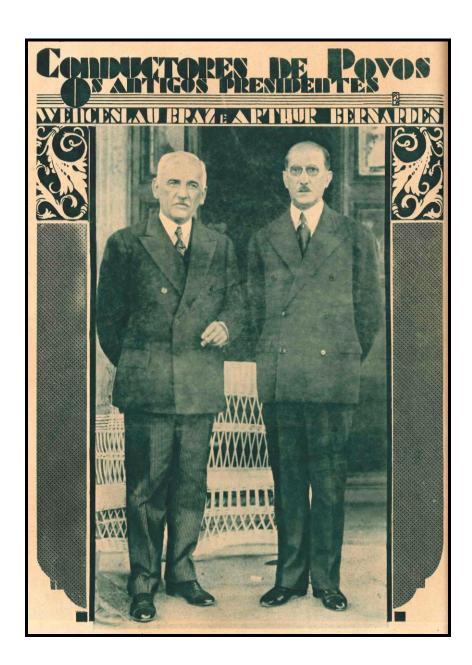


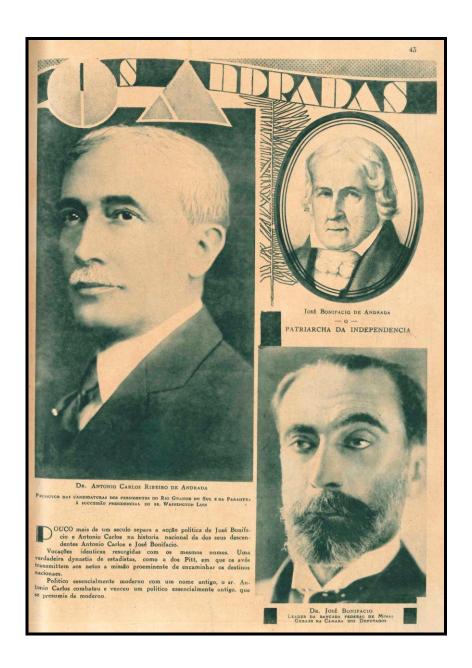
Outros personagens, menos ou mais conhecidos também receberam algum destaque da publicação especial, embora menoscabados em relação aos anteriores. Um deles foi o Arcebispo de Porto Alegre, D. João Becker (grafado com "a" na revista), que divulgara mensagem "condenando a campanha difamatória movida contra" a Revolução, garantindo que a mesma tinha "caráter puramente político" e estava "completamente alheia ao comunismo, cujas doutrinas e perversas práticas repele com energia", de modo que "as instituições sociais e religiosas" permaneceriam garantidas. Qualificado como "figura central da Revolução", o político gaúcho, Osvaldo Aranha, novo Ministro da Justiça, também se encontrava entre as figuras em evidência. O antigo governante do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros aparecia como uma espécie de eminência parda da Revolução, designado como "o chefe invisível". Também estiveram em destaque os ex-Presidentes da República, Venceslau Brás e Artur Bernardes, apontados como "condutores de povos" e o político mineiro Antônio Carlos, alocado na estirpe dos "Andradas", desde José Bonifácio, e o papel desempenhado por tal linhagem na formação histórica brasileira. Foram também dignos de menção iconográfica o general Leite de Castro, membro do Ministério do Governo Provisório e identificado como "o organizador do pronunciamento militar"; os integrantes da Junta Governativa Provisória, que derrubou o derradeiro Presidente da República Velha; e os Chefes do Estado Maior, do pronunciamento militar, Bertoldo Klinger, e do Exército do Sul, Góis Monteiro.

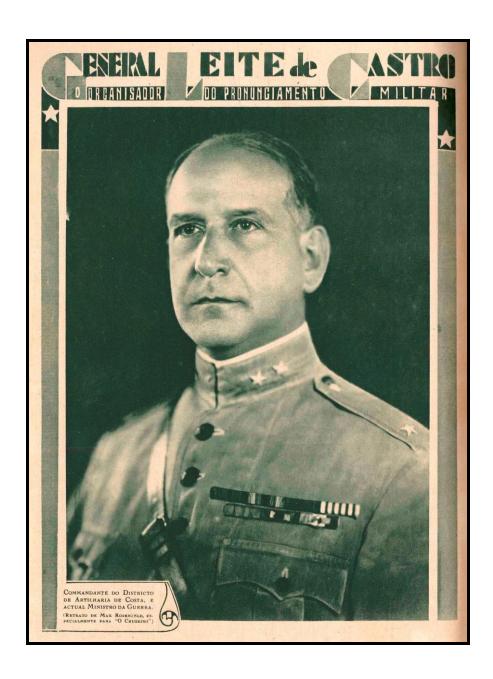


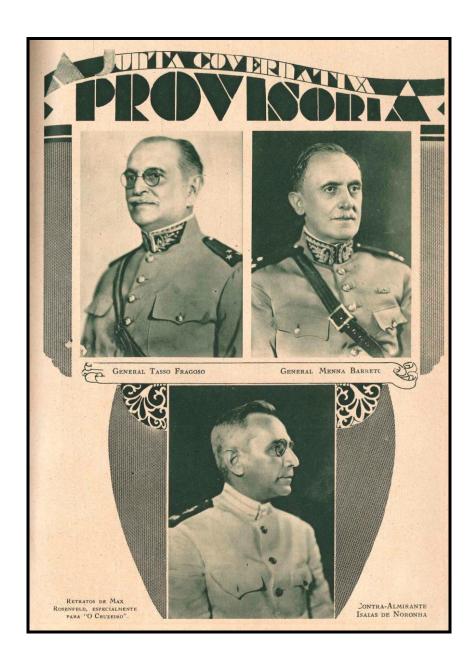










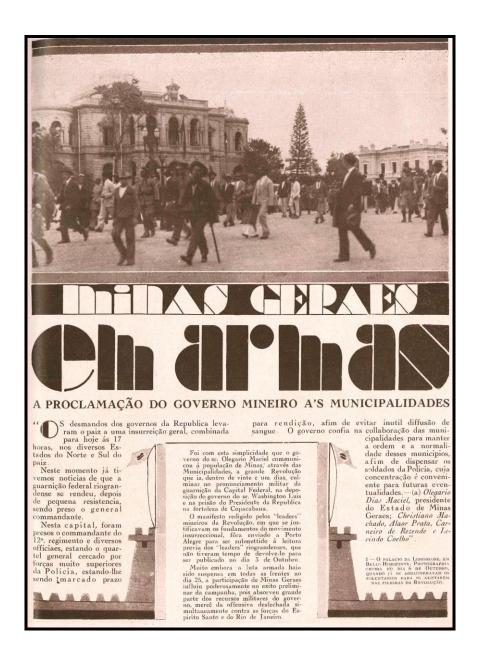




Uma das intenções da revista foi mostrar que o movimento rebelde alastrara-se pelo país, com destaque para a porção meridional, ao apresentar "O Rio Grande do Sul em armas", "As espadas da vanguarda gaúcha" e "Paraná e Santa Catarina em armas"; o centro, ao enfatizar "Minas Gerais em armas" e "O berço da Revolução"; e a região setentrional, ao designar também "O Norte em armas". Houve ainda por parte da publicação uma preocupação em descrever através do fotojornalismo os movimentos militares ocorridos ao longo do processo revolucionário, com a apresentação de destacamentos militares e descrições dos combates, inclusive com a divulgação de esboços gráficos dos movimentos bélicos. A ação que acabaria por levar à queda de Washington Luís foi outro ponto de abordagem, ao destacar "O pronunciamento militar na Capital Federal" e "O Ministério da Junta Provisória". O derradeiro ato do último Presidente da República Velha, em fotografia que se tornaria uma das mais tradicionais, com a retirada de Washington Luís em veículo escoltado por vários militares, esteve também entre os registros da revista.













TA deflagração revolucionaria do Norte coube á pequenia e altiva Parahyba uma posição pro-eminente. Pode affirmar-se que ella desempe-nhou na evolução de todo o movimento revolucionario o papel excitador de martyr. Foi a Parahyba, na sua luta contra os insurrectos de Princesa, na sua indignaluta contra os insurrectos de Princesa, na sua indigna-ção contra a depuração iniqua dos seus deputados e senador, na attitude inquebrantavel e incorruptivel do seu Presidente e no epilogo tragico da sua morte, que insuflou, alentou, exaltou os factores nacionaes da Revolução. Ella foi a primeira rebelde, a veterana, e muito antes do Rio Grande do Sul e Minas Geraes terem aceitado a solução revolucionaria, já a Parahyba era um foco insopitavel de rebellião, que desafiava a colera intervencionista do governo federal e pugnava, irreductivelmente, pelos seus direitos malharatados. rireductivelmente, pelos seus direitos malbaratados. Ainda depois de morto, o presidente João Pessoa continuou a ser o magno excitador da Revolução, e o seu espectro ensanguentado apparecia ante os chefes riograndenses e mineiros, excitando-os á acção, tal o espectro do rei da Dinamarca apparecia a Hamlet nas explanadas do castello de Elsenor.

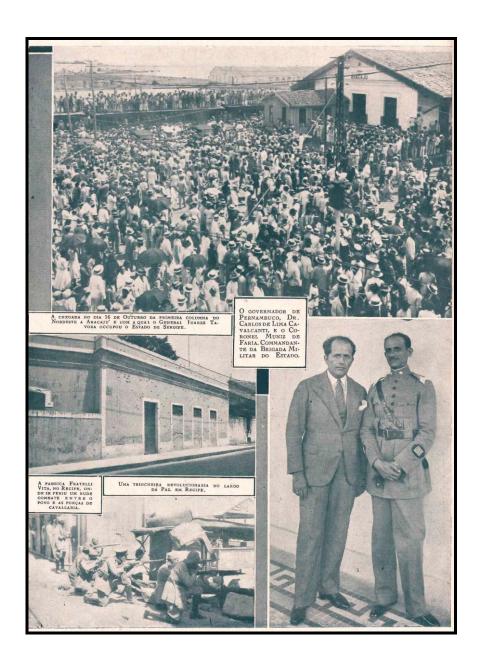
Quando chegou a hora tão ansiosamente espe-

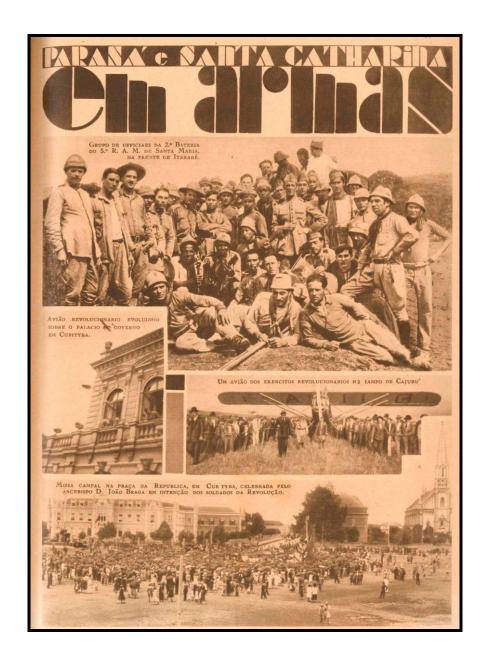
rada e finalmente concertada com o Rio Grande do Sul e Minas para lançar contra o Governo as tres torrentes revolucionarias, que iam submergi-lo, a Parahyba levantou na hora pactuada a bandeira da insurreição nacional. Em quinze dias, todas as olygarchias do Nordeste haviam caido ao acceno da espada de Juarez Tavora. Em Recife, o movimento rebentou na madrugada de 4 de Outubro, prolongando-se a luta até a madrugada de 6, quando caiu em poder dos revoltosos a Casa de Detenção. Com a adhesão de Pernambuco ao bloco revolucionario dos Estados do Nordeste, logo a invasão da Bahia foi iniciada, como a segunda etapa da marcha assoladora do novo Atila incruento e romantico, que substituira o corcel pelo avião, e cujos exercitos caminhavam

do novo Atila incruento e romantico, que substitura o corcel pelo avião, e cujos exercitos caminhavam sobre a Roma federal.

São alguns aspectos dessa celere e victoriosa campanha que aqui reunimos, como singelo subsidio documentario para uma futura historia da Revolução de Outubro, lastimando que a brevidade do tempo e do espaço não nos permitta ampliar nesta edição, a todos os multiplos palcos da luta, a respectiva documentação hostographica.

ctiva documentação photographica.







ESPRETENCIOSA collectanea de documentos e subsidios, esta pu-blicação não pretende lazer uma narrativa das operações na divisa do Paraná, com que nos antecipariamos sos da Revolução attingiu dentro de uma se-historiadors militares, unicos competentes mana as cercanias da divisa de S. Paulo. para escreverem sobre os successos desses 24 de Outubro. Por isso nos limitamos a se transportava com as suas casas civil e coordenar: excerptos varios dos depoimen- militar e o seu estado-maior, chefiado pelo tos trazidos a publico, assignalados pela coronel Gúes Monteiro, para a cidade de autoridade dos que intervieram nos aconautoridade dos que intervieram nos acon-tecimentos (1), lastimando que a falta de espaço nos impeça de os transcrever na

Com a adhesão e a rendição rapidissimas das guarnições federaes do Rio Grande do das garantees de seguiram as da quase totali-cito revolucionario, prolongando na guerra dade das forças militares aquarteladas em a sua notavel offensiva parlamentar. Santa Catharina e Paraná, a frente sul

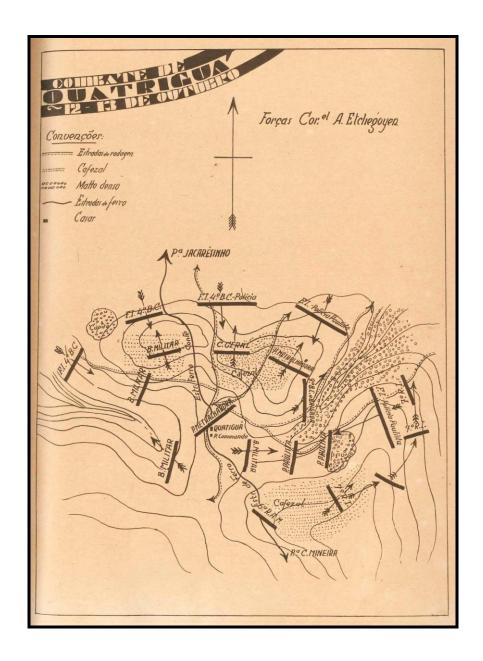
O ESTADO-MAIOR DO GENERAL MIGUEL COSTA

No dia 11 de Outubro já o presidente do vinte e um dias, que decorrem desde 3 a Rio Grande do Sul, chese da Revolução, dade de Secretario do Interior e Justiça assumira interinamente o dr. Oswaldo Aranha o governo do Rio Grande do Sul, cujo vice-presidente, o Dr. João Neves da Fontoura, se alistara como combatente no exer-

As primeiras forças riograndenses que alcançaram as fronteiras de S. Paulo-Pa- to pelos contingentes do 1º, e 8º, R. I., comraná foram, com pequeno intervallo uma das outras, as do coronel Alcides Etchgoyen, as do general Miguel Costa e as do Coronel João Alberto Lins de Barros, precedidas pelos grupos de emergencia commandados pelo tenente Braga (Capella da Ribeira) e capitão Vicente Mario de Castro (zona littoranea)

bravo e experimentado companheiro de Siqueira Campos e Juarez Tavora na campo nha de 24, occuparam o flanco direito que rando com o coronel Waldemiro de Lima. A columna do general Miguel Costa veiu acampar na zona fronteira ao campo entrincheirado de Itararé. O coronel Etchegoyen occupava a região do Paranapane-ma e o seu ramal ferro-viario. Fôra este o partira logo do Rio Grande para a frente de combate com o effectivo de 1.800 homens, assim constituidos: 1º. B. C., composto de tropas da Carta Geral, da Brigada do Estado e do 9º. B. C., sob o commando do major Alcides de Araujo; 2º. B. C. composto de contingentes do 1º. e do 7º R. I., commandado pelo tenente coronel Nestor da Silva Soares; 5º. B. C., composmandado pelo tenente coronel Olympio dos Santos Rosa; e o agrupamento Nelson Etchegoyen, formado por um batalhão de caçadores, uma bateria de artilharia e tres companhias de metralhadoras pesadas

No dia 12 de Outubro, a vanguarda do destacamento encontrou as primeiras forças adversarias na estação Affonso Camar-As forças do coronel João Alberto, o go e retrocedeu para Quatiguá, em cujas



diridida pelab altab patentes do exercito ao Sr. Presidente da Roepublica conjudando-o a resignar_

Contrariaria o caracter exclusivamente documentario desta obra a recapitulação dos factos de que resultou, perante ar propoções assumidas pela guerra-civil, a exolução patriotica e humanitaria das allas patentes do exercito de restituirem a para ao Brasil, intimando o governo a recignar em heneficio dos interesses nacionaes, e conseguindo com cete acto de força forze cessar as hestilidades em lodas as frentes de combate.

O documento historico em cue os signatarios justificam o pronunciamento das forças militares da Capital Faderal é a carta dirigida ao Presidente da Republica, redigida na fortaleza de Copacabana pelo general Menna Barrelo, na noite de 23 para 24 de Outubro, e que reproduzimos a seguir:

"Forte de Copacabana, 24 de Outubro de 1930. Exmo. Sr. Dr. Washington Luis Pereira de Sousa.

A Nação encontra-se em armas; a guerra A Nação encontra-se em armas; a guerra fratricida alastra-se de modo assustador provocando um anseio em todos os brasileiros para que cesse essa luta ingloria e a paz volva de novo a todos os lares. As forças armadas, improvisadas e permanentes, têm sido manejadas en como uniço argumento para resolver até agora como unico argumento para resolver o problema politico, mas só têm conseguido ma-guas e ruinas. O descontentamento nacional sub-

siste e cresce. O desfecho da actual guerra civil não pode ser a violencia, porque dest'arte não seriam satisfeitas as aspirações da liberdade e seriani satisfettas as aspirações da hoerdade e subsistiriam os germens de novas lutas. Fazemos por isso um appello leal ao patriotismo de V. Ex.ª para que V. Ex.ª restabeleça a unidade e a paz do Brasil, afastando-se de um posto que V. Ex.ª já não pode occupar sem que a perturbação nacional continue.

bação nacional continue.

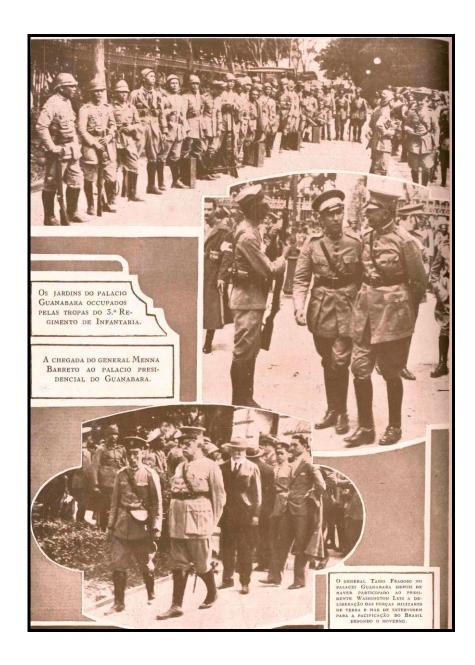
Não ha sacrificio que não seja meritorio, se tiver em vista a conservação integral do bello e grande paiz que nossos antepassados nos legaram á custa de trabalho e patriotismo.

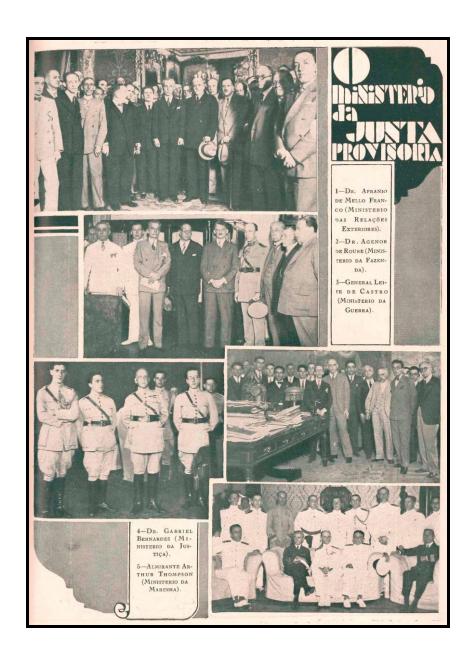
V. Ex.º deve inspirar-se na attitude do Marechal Deodoro, soldado glorioso e patriota excelso, que não trepidou em suffocar os seus sentimentos pessoaes e o seu capricho deante da grandeza da Patria, que elle havia servido na paz e na guerra com raro devotamento, e quia paz e na guerra com raro devotamento, e cuja memoria guardamos com respeito e admiração.

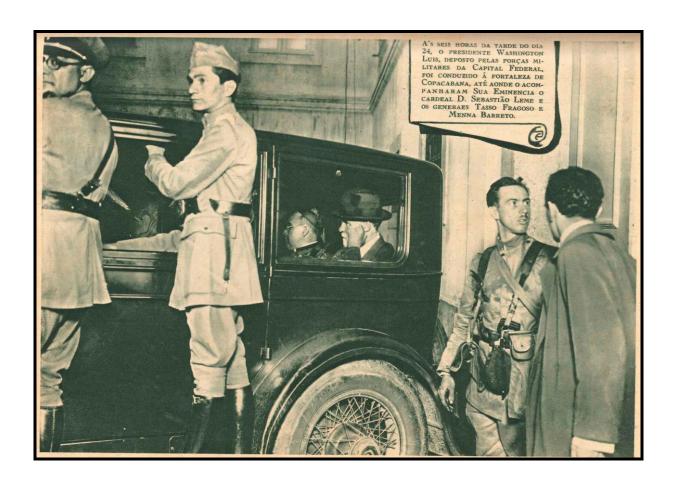
Rio de Janeiro, 24 de Outubro de 1930.

Augusto Tasso Fragoso, general de divisão, por si e pelo general de brigada Fernandes Leite de Castro; João de Deus Menna Barrelo, general de divisão, por si e pelos generaes Firmino Borba e Pantaleão Telles







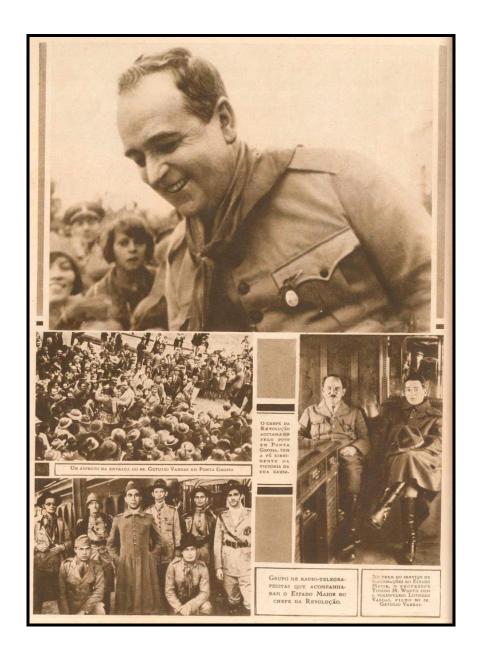


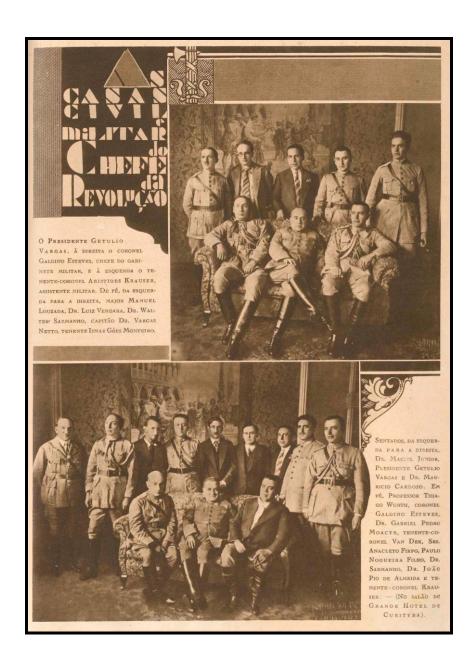
O maior protagonista nas páginas de A Revolução Nacional foi Getúlio Vargas, revelando verdadeira personalização do movimento rebelde. Além das presenças já citadas, ele permanecia como o personagem mais presente nos registros iconográficos da publicação. As imagens também se voltaram a grandes aglomerações de massas populares, na tentativa de demonstrar um propalado apoio à Revolução. Ocorria ainda uma associação entre a figura de Vargas e tais reuniões do "povo", trazendo o sentido de uma suposta identidade entre ambos. Getúlio Vargas era apresentado ao partir de Porto Alegre e chegando ao Paraná, com "O comando geral da Revolução", sendo transcrito o texto de sua primeira "ordem do dia". Em um conjunto fotográfico que envolvia outros integrantes da revolta, o "chefe da Revolução" voltava a aparecer, "aclamado pelo povo" e trazendo consigo uma "fé sorridente na vitória da sua causa". Também figurava junto de suas "Casas civil e militar" e ao lado de vários oficiais, no Paraná, como "chefe supremo da Revolução", tratado "com honras e poderes de generalíssimo". Mais uma vez gerando presença de público, Vargas era mostrado ao chegar na localidade paulista de Itararé. As manifestações populares já se concentravam no Rio de Janeiro, mesmo antes da conclusão da Revolução, como ao aplaudir o pronunciamento que derrubara Washington Luís, ou ainda ao aguardar a chegada do líder da Revolução.

As festas populares em apoio aos revoltosos foram registradas em São Paulo e no Rio Grande do Sul e se repetiam no Rio de Janeiro, por ocasião da chegada de Getúlio Vargas, que foi ainda apresentado, em trajes militares, descasando confortavelmente em um sofá no Palácio dos Campos Elísios, em

São Paulo, ou seja, no coração da oligarquia paulista, a grande derrotada a partir do espocar e da vitória revolucionária. A fotorreportagem prosseguia, com a chegada ao Rio de Janeiro e ao Palácio do Catete, símbolo do poder presidencial. O novo Presidente era ainda fotografado no mesmo prédio governamental ao lado dos membros da Junta Militar Provisória, que lhe entregaria o poder, sendo transcrito o seu primeiro discurso como novo chefe de governo. Na varanda do Palácio Presidencial, Vargas, ao lado de Osvaldo Aranha, observava uma multidão e agradecia às "manifestações populares", em outra ilustração da revista. Ainda foram inclusas na edição, as imagens do novel Presidente posando no salão do Catete e um "aspecto da multidão" para recepcionar o mandatário. Deixando de lado a farda e já em trajes civis, o "chefe da Revolução" mais uma vez se colocava ao lado de oficiais, por ocasião da passagem de poder por parte da Junta Militar e quando estava prestes a tomar posse das funções presidenciais. Demarcando uma retomada às primeiras páginas, nas quais mostrava o governante e o Ministério da decaída República Velha, a revista trazia na conclusão de sua reportagem a fotografia de Getúlio Vargas, como Presidente do Governo Provisório, seguida de seu quadro de Ministros.

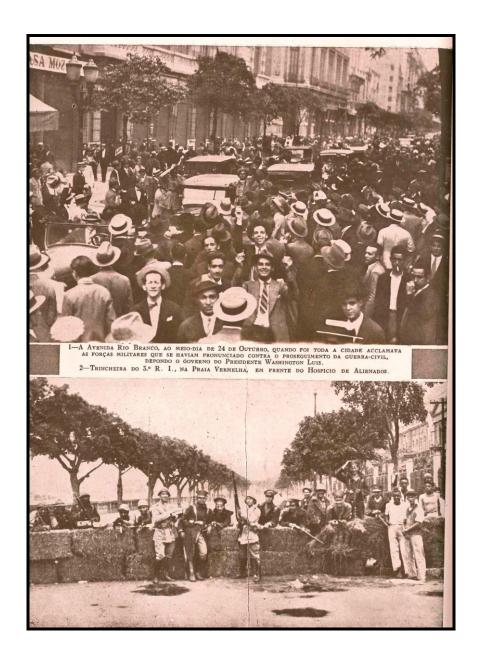






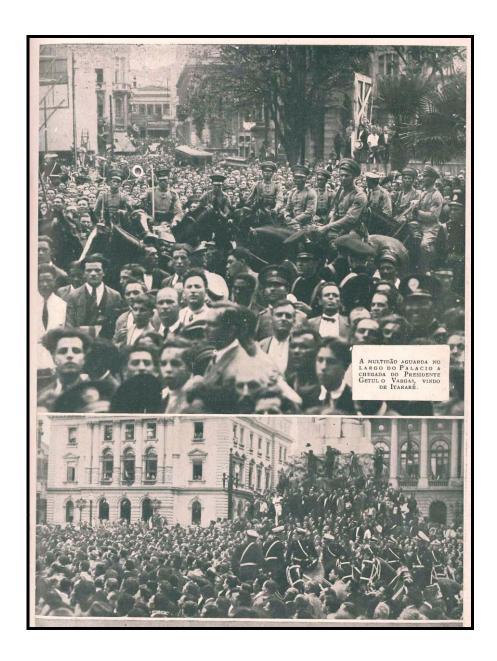


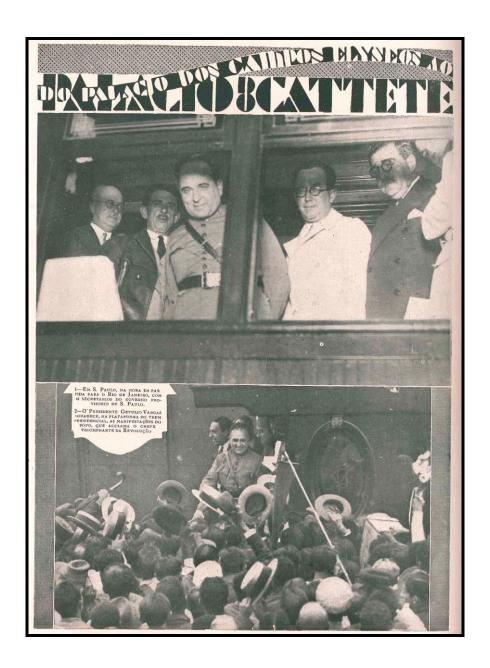


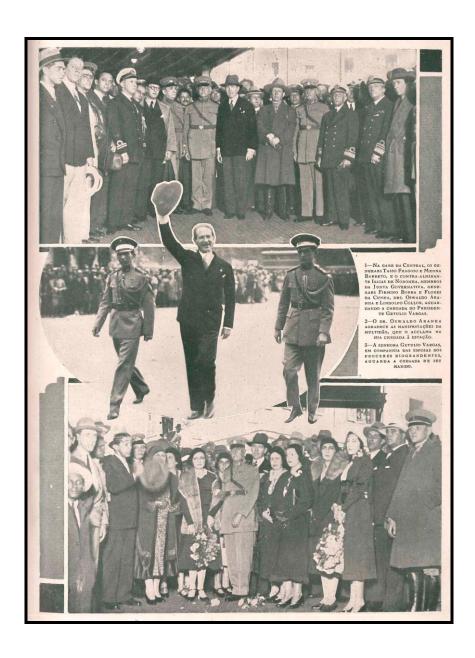


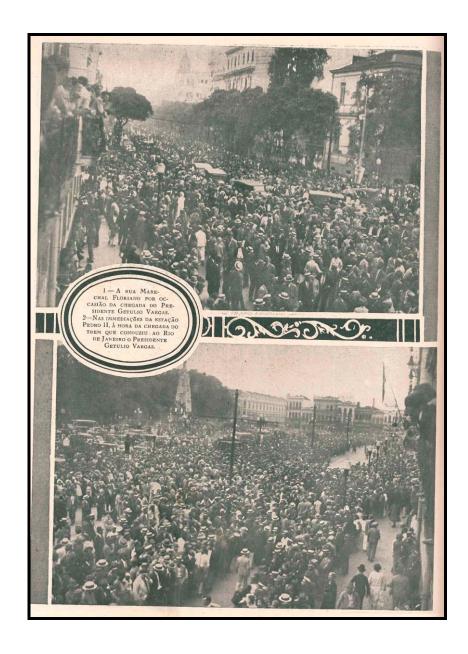




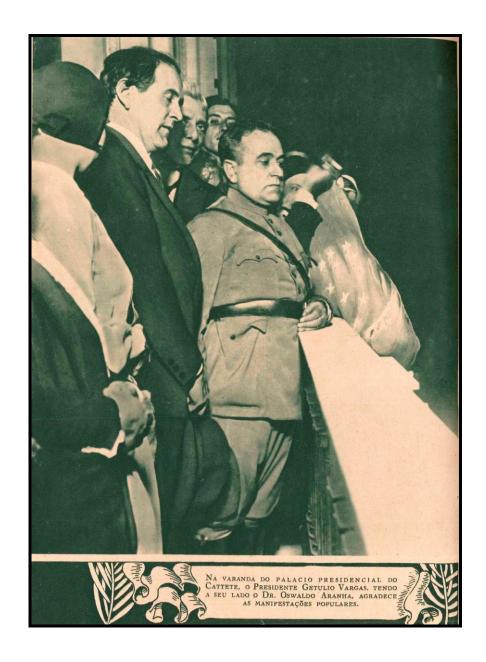


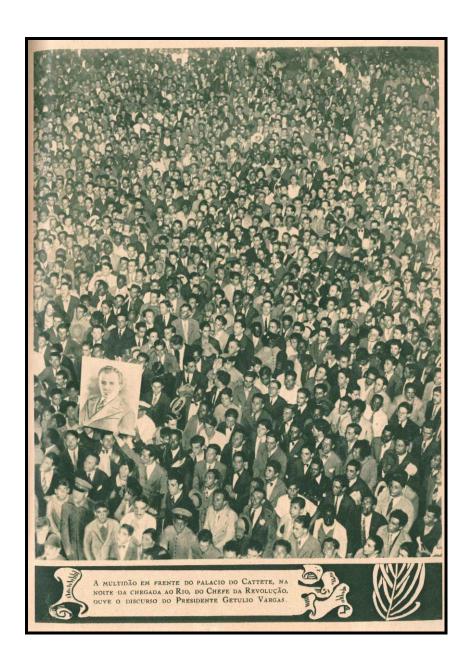


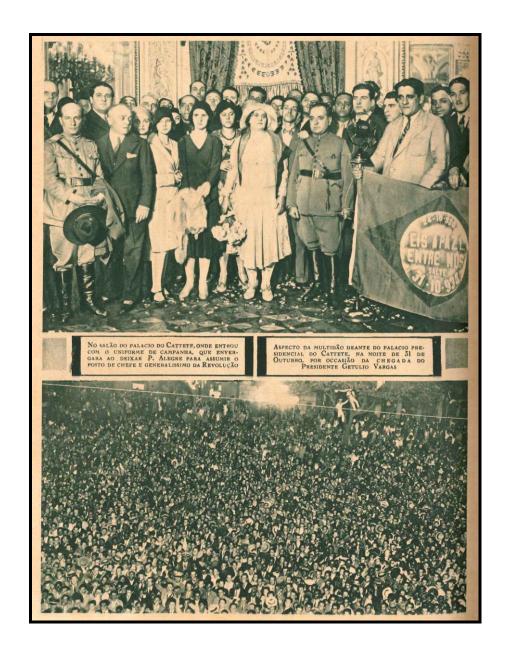


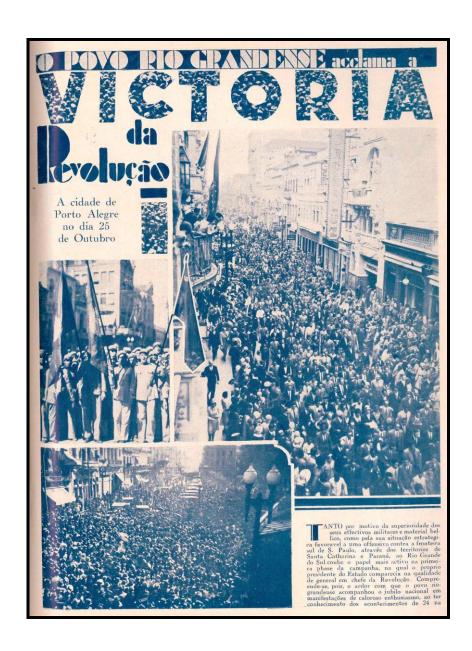


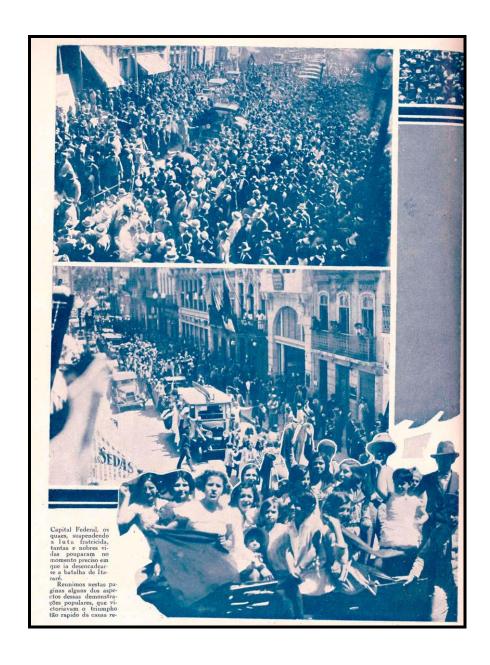


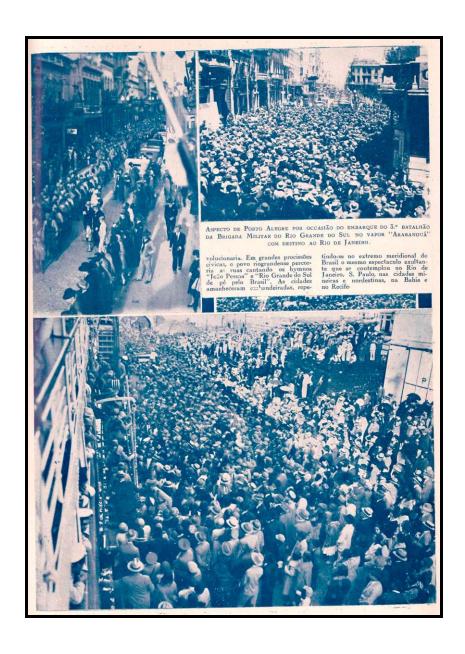




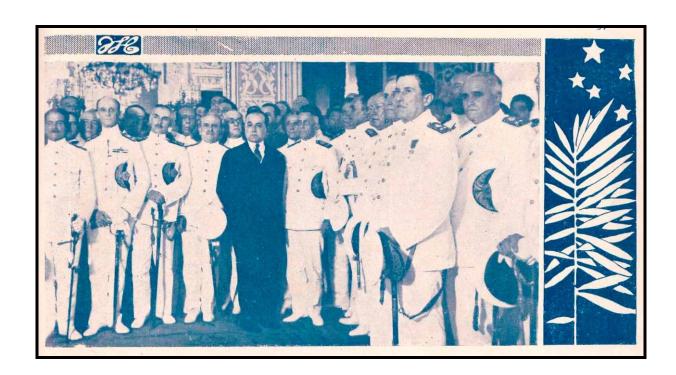




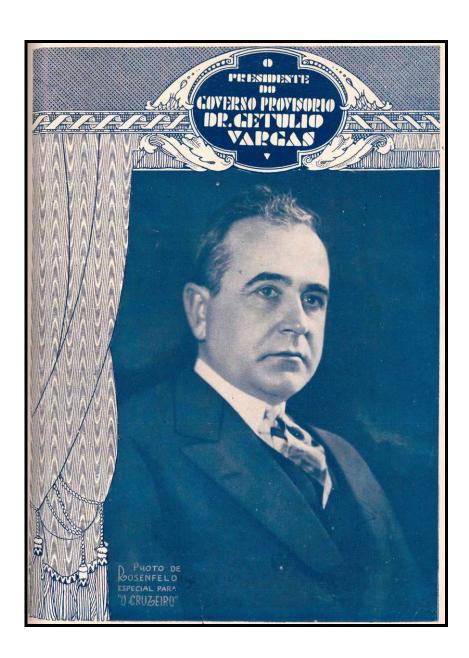




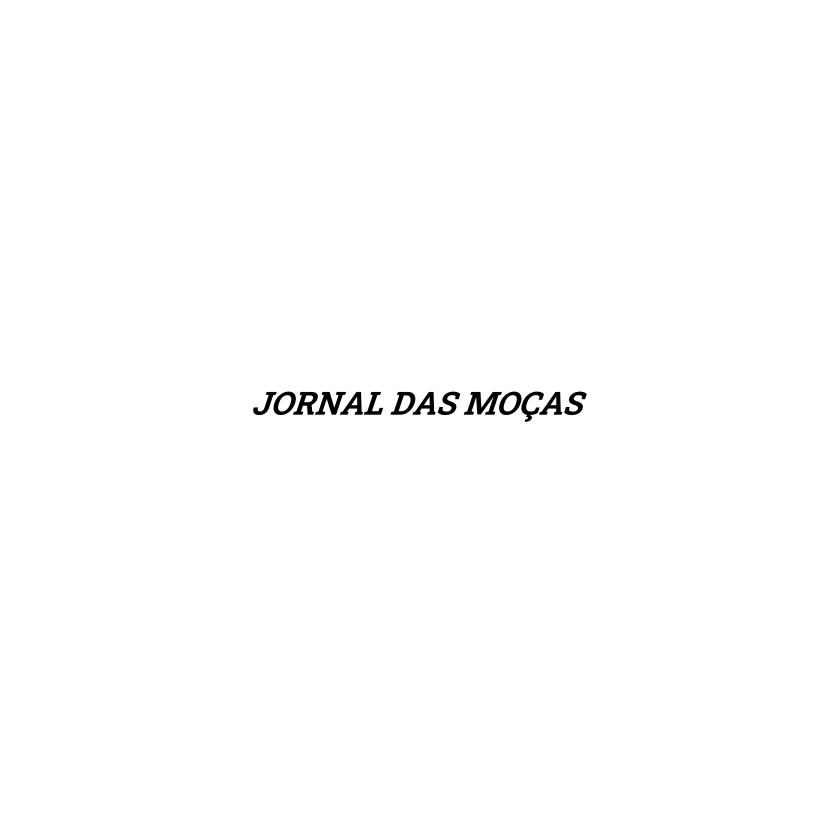












O Jornal das Moças se apresentava como uma revista quinzenal ilustrada e anunciava que publicaria "com satisfação os retratos de suas amáveis leitoras", bem como aceitaria "prazerosamente a colaboração das leitoras". O programa do periódico¹º lembrava que "várias revistas ilustradas" tinham "surgido em nosso meio", mas que constituíam, "em quase sua totalidade, simples álbuns fotográficos e de modas", ou ainda "revistas literárias, com acentuada feição mundana e humorística". Salientava que, entretanto, tais edições não se preocupavam, "com o cultivo" do espírito "de nossas gentis patrícias", com "outros ramos dos conhecimentos humanos", de modo que seria "a essa tarefa a que se impõe o Jornal das Moças". Nessa linha, era destacado que "cultivar, ilustrando, e ao mesmo tempo deleitando o espírito encantador da mulher brasileira, a que é dedicada esta revista" seria "o seu, senão único escopo", como também "a sua mais viva e ardente preocupação".

De acordo com tal perspectiva, a nova revista pretendia "levar ao lar das famílias patrícias": a "graça e o bom humor que empolgam, a música e canto que embalam"; os "brincos e contos infantis que deleitam"; a "moda que agrada"; o "romance que desfaz as visões tristes da existência"; a "nota mundana que satisfaz a curiosidade insofrida"; e os "conhecimentos úteis que instruem", trazendo em suas páginas "a mais bela feição da imprensa que procura viver do favor público". Anunciava ainda que, "nesse louvável objetivo" não pouparia nem mediria "sacrifícios", de modo que o *Jornal das Moças* buscaria "agradar geralmente", visto que surgia com aquele "único fim, atentando antes a sua

¹⁹ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 21 maio 1914.

impecável feitura material que é de apurado gosto artístico, a começar pela sua capa". Dessa forma, a nova publicação afirmava estar na expectativa de contar com "a indispensável preferência de nossas gentis patrícias para o êxito completo do nosso empreendimento".

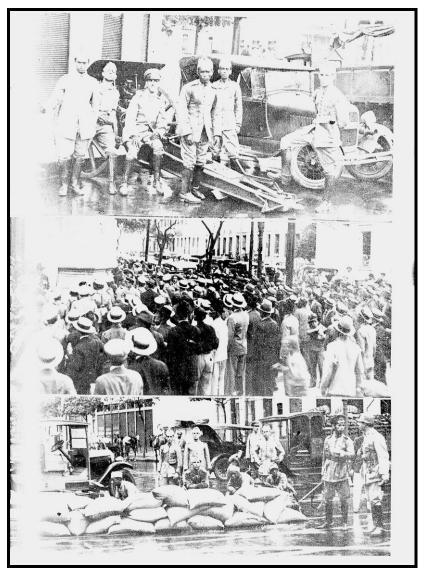
Na abordagem da Revolução de 1930, o *Jornal das Moças* teve a preferência por estampar em sua capa o retrato de algumas das lideranças do movimento. O primeiro deles foi Juarez Távora, apresentado como "o grande herói". Já nos registros fotográficos, da edição de outubro de 1930 apareciam as mobilizações militares e as aglomerações populares referentes ao "glorioso dia 24 de outubro de 1930". De acordo com a proposta editorial da revista, foi publicado o editorial "A vitória da justiça e o valor da mulher brasileira"²⁰, demarcando que se "desanuviou o céu e surgiu o sol da liberdade, que há de iluminar, novamente, a terra brasileira, o nosso Brasil querido, que vem de há muito, vivendo anos de pavor, de perseguições, de vinditas". Era tecida a explicação de que "o dia 24 de outubro assinalou na História do Brasil uma das mais brilhantes datas, que jamais desaparecerá da mente dos brasileiros", em um quadro pelo qual, "do norte e do sul, o país se sacudia do jugo dos déspotas que o traziam acorrentado, agrilhoado", de modo que o Brasil passara "a respirar um bocado do ar puro da liberdade".

A matéria frisava também que o *Jornal das Moças*, como "uma revista da família, lídimo representante da mulher brasileira", destacava o "papel

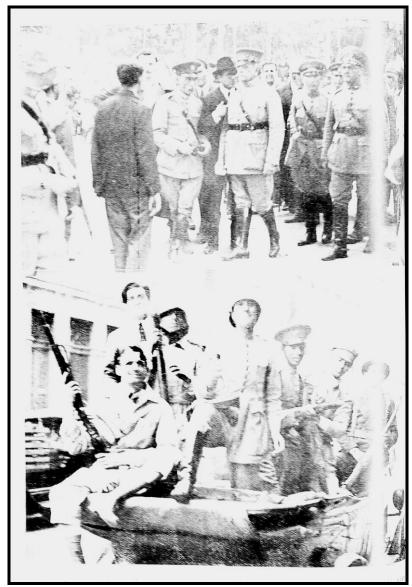
²⁰ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 30 out. 1930.

importante" da mulher "nessa revolução vitoriosa", uma vez que as representantes do sexo feminino, em "mostra sublime de heroísmo e de bondade", estiveram "junto com os soldados, levando o conforto moral e físico" e "prestando os seus socorros quando assim a ocasião exigia". A revista saudava o fato pelo qual os "rogos e súplicas" das mulheres tivessem sido ouvidos, de modo que "o Brasil entra numa nova fase, numa época de liberdade e respeito ao próximo". Finalmente, a publicação voltada ao público feminil exaltava "mais uma vez o nome da mulher brasileira que coadjuvou grandemente" para que fosse possível "ver novamente 'surgir o sol da liberdade em raios fulgidos'" e, em tom de exortação, arrematava com um brado: "Viva o Brasil! Viva a revolução vitoriosa!".

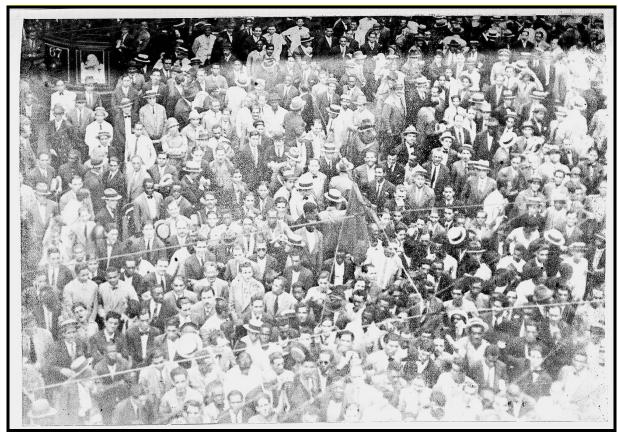




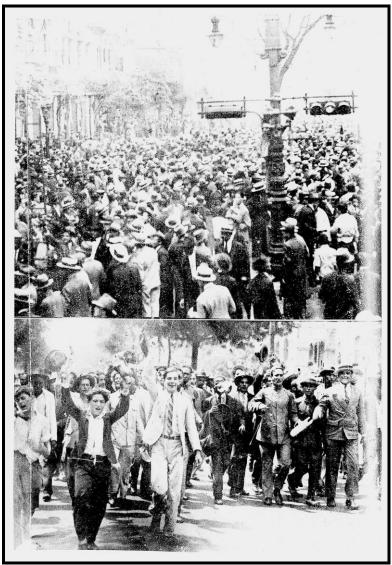
- artilharia pesada na Rua São Francisco Xavier; o povo fazendo uma grande manifestação; e forças do Exército na Rua Almirante Cochrane —



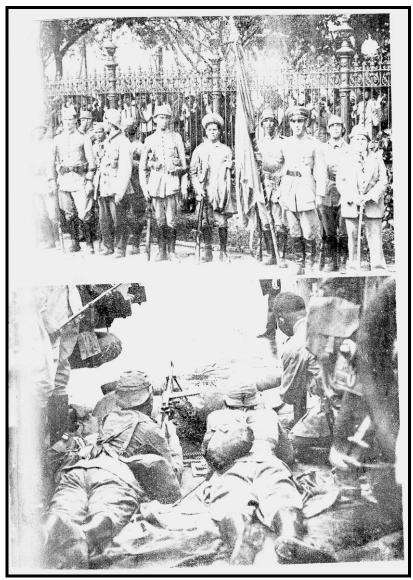
- aspectos da Revolução -



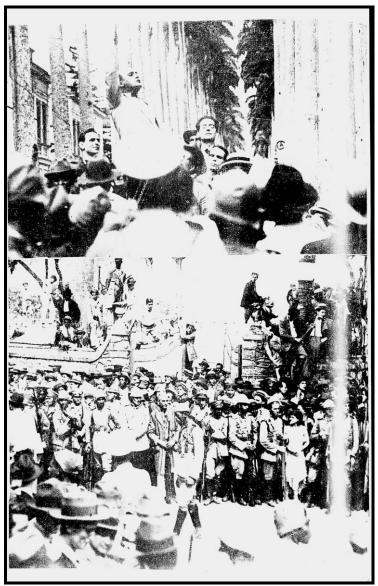
- "a população do Rio – cérebro e coração do Brasil – afluiu em massa" -



- Rua Rio Branco, a 24 de outubro, com "a massa considerável que dava vivas aos revolucionários"; tal "povo a caminho do Palácio do Catete" -



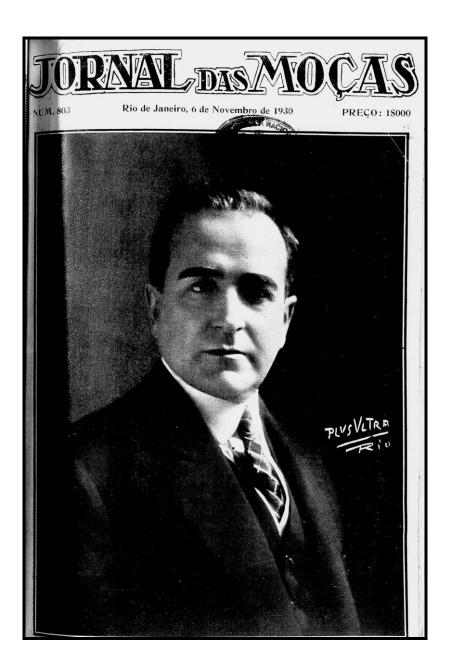
- guarda do Palácio do Catete; soldados de prontidão "para entrarem em fogo" -

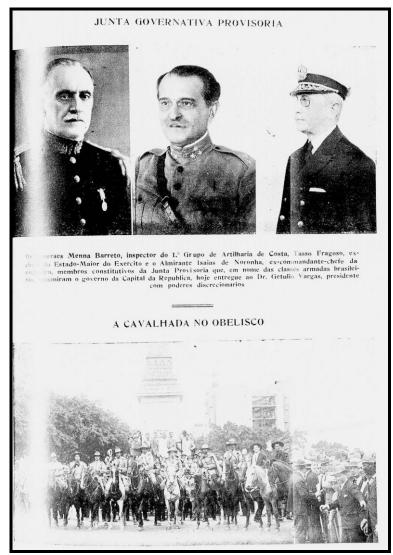


- "Maurício Lacerda falando às massas"; o povo na Rua Guanabara -

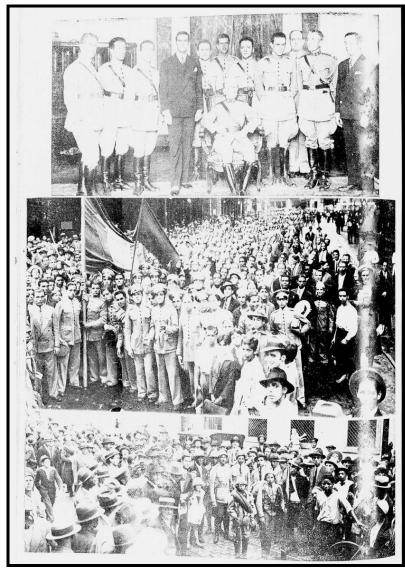
Em outra edição do *Jornal das Moças*²¹ voltada a tratar da Revolução de 1930, a capa era dedicada ao retrato de Getúlio Vargas, denominado como "o grande chefe civil da Revolução". Uma das fotografias apresentou os membros da Junta Militar que promoveu a derrubada de Washington Luís e a transição para o Governo Provisório. Uma das cenas mais tradicionais do movimento rebelde também foi mostrada pela revista feminina, ao destacar "a cavalhada no obelisco". Militares tomando a Chefia de Polícia, alunos aguardando a chegada de Vargas e gaúchos aquartelados também compunham os registros iconográficos. Outras lideranças revolucionárias gaúchas – Batista Luzardo, Lindolfo Collor, Osvaldo Aranha e Neves da Fontoura, tiveram seus retratos publicados. Ainda foram registradas: "a formidável massa popular em frente ao Palácio do Catete", para recepcionar Getúlio Vargas; uma missa campal e recepções a outros líderes rebeldes.

²¹ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 6 nov. 1930.

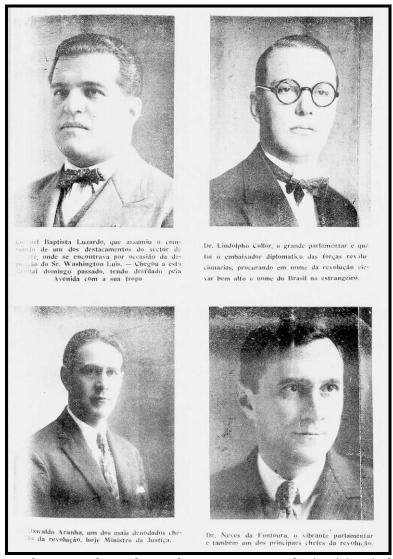




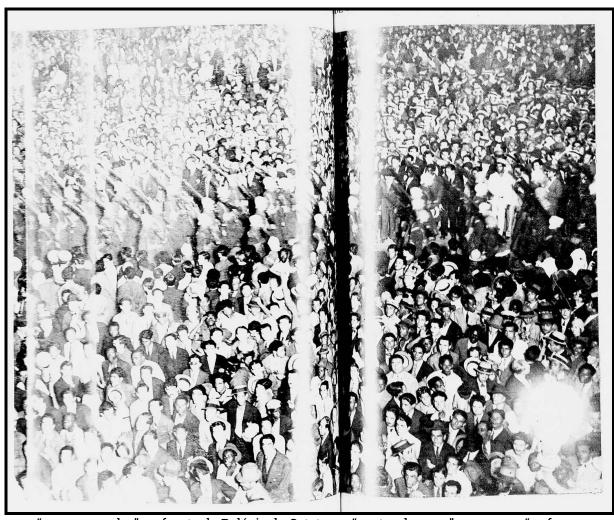
- Junta Militar formada por Menna Barreto, Tasso Fragoso e Isaias de Noronha; "rapazes gaúchos que, entre gargalhadas e expressões chistosas, levaram os seus cavalos até o obelisco, amarrando os seus pingos, realizando assim, entre blagues e pilhérias, a 'célebre profecia'" -



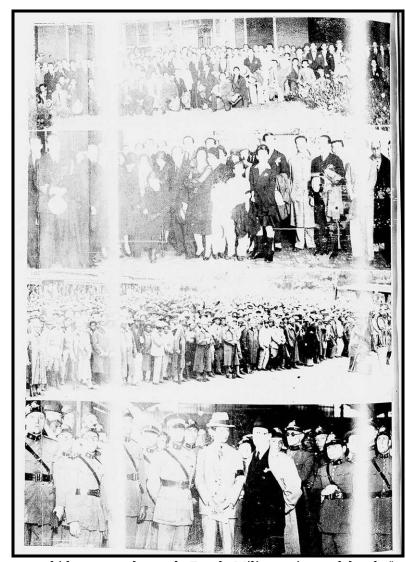
- tomada do Gabinete do Chefe de Polícia; alunos do Colégio Pedro II aguardando a chegada de Getúlio Vargas; e gaúchos aquartelados no Batalhão de Polícia -



- Batista Luzardo, comandante de um destacamento revolucionário; Lindolfo Collor, "embaixador diplomático das forças revolucionárias"; Osvaldo Aranha, "um dos mais denodados chefes da revolução"; Neves da Fontoura, "um dos principais chefes da revolução" -



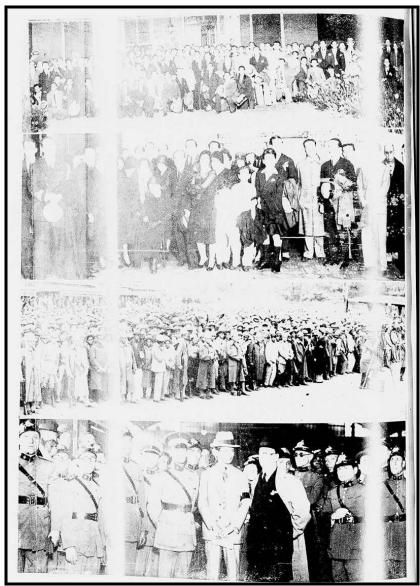
- "massa popular" na frente do Palácio do Catete, ao "centro do povo", aparecem "as forças militares em desfile -



- Juarez Távora recebido por ex-alunos da Escola Militar; missa celebrada "em descanso da alma do bravo Tenente Dutra"; recepção a Getúlio Vargas na Central do Brasil; e chegada de Lindolfo Collor e Cândido Pessoa na Central -



- recepções a rebeldes no Rio de Janeiro -



- recepções a rebeldes no Rio de Janeiro -

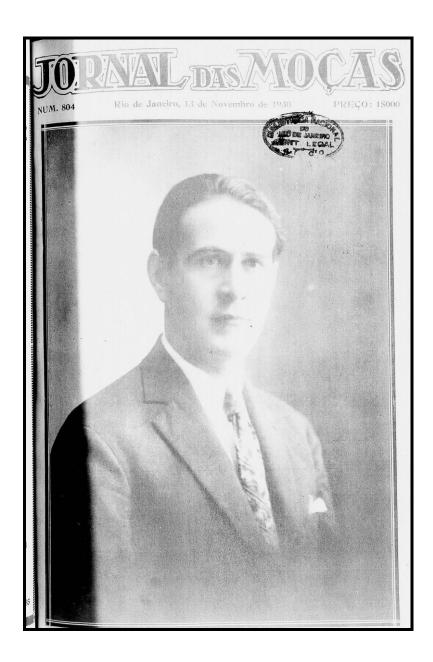
O político rio-grandense Osvaldo Aranha, apresentado como Ministro da Justiça do Governo Provisório, tinha o seu retrato estampado na capa de outra edição da revista²². No mesmo número aparecia um texto exortativo em "homenagem aos revoltosos", intitulado "Viva a Revolução", o qual saudava "a vitória alcançada por essa plêiade de batalhadores impolutos, que, de norte a sul, lutaram em prol da nossa liberdade", os quais, "no dantesco cenário da luta fratricida, perderam lamentavelmente, alguns dos seus valorosos soldados". A matéria salientava que aqueles "destemerosos homens" teriam deixado "impavidamente o conforto de seus lares queridos" e "a intimidade aconchegante de suas idolatradas famílias", para buscarem "livrar o nosso amado Brasil da infâmia do aniquilamento de todas as liberdades, dos desejos e caprichos políticos" e "da miséria que se arraigava em todo o território pátrio".

Segundo o periódico, seria "de justiça" e "de dever" render a tais indivíduos, "pelos seus feitos homéricos e distintamente patrióticos" uma "pequenina homenagem", como testemunho de "incomensurável gratidão, aliada à admiração e veneração que há de perpetuar-se em nossos corações". O tom laudatório permanecia em relação aos revolucionários, com o apelo de que deveria ser elevado "ao ápice da admiração unânime o valor desses reivindicadores do regime, cujos nomes ficarão gravados nos anais da nossa história nacional". A exaltação era reforçada a partir da perspectiva de que todos deveriam congregar as "exultações patrióticas", para erquer "a *una voce*, um

²² JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 13 nov. 1930.

altissonante 'viva' a esses redentores, que não faltaram com a sua palavra, comprometedoramente empenhada".

A revista feminina ressaltava também o papel dos cariocas na vitória da revolução, os quais teriam mostrado "aos olhos dos seus irmãos de ideais que o arrojo nunca lhes faltou para a conquista de um 'Brasil unido e forte'". Para a publicação não deveriam ser olvidados "aqueles infelizes irmãos" que "tombaram desgraçadamente no campo da luta". De acordo com seu norte editorial, o *Jornal das Moças* apelava para que fosse lembrada "igualmente a cooperação saliente que teve a mulher brasileira, que, sendo inteligente, honesta" e "firme nos seus princípios", bem como "consciente dos seus fins, forte pela alma e pela ação, esteve sempre em harmonia latente com o homem", pois ele teria sido "firme nos seus princípios elevados, inteligente e consciente de seus fins". Diante disso, a folha concluía, propondo uma homenagem aquela "galeria imortal de super-homens". Os registros fotográficos de tal edição traziam cenas e atos dos participantes da revolução e retratos de membros do Governo Provisório, sem deixar de demarcar a participação feminina nos acontecimentos.

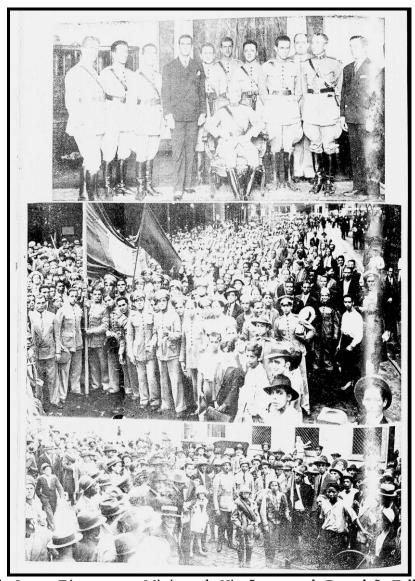




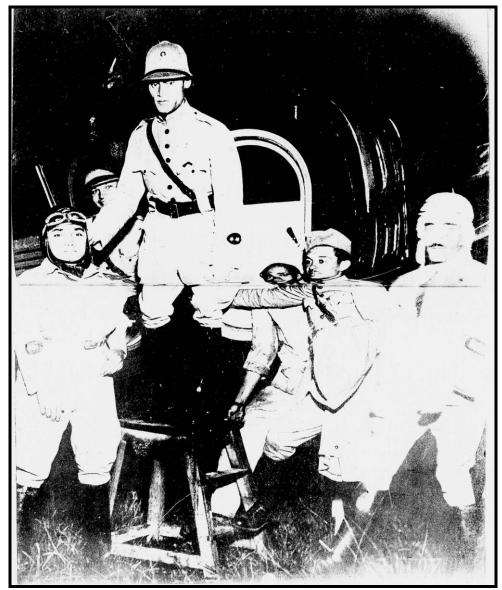
- discurso de Batista Luzardo; Getúlio Vargas chegando ao Jóquei Clube; e retratos de "políticos que se bateram pela liberdade do Brasil" -



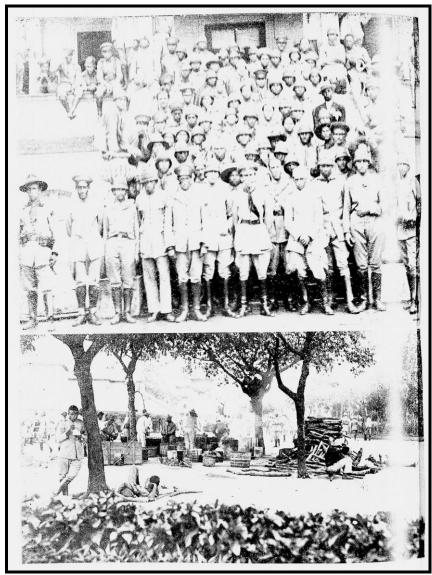
- Leite de Castro, Ministro da Guerra; José Maria Witaker, Ministro da Fazenda; e senhoras que mandaram rezar missa pelos soldados mortos na revolução -



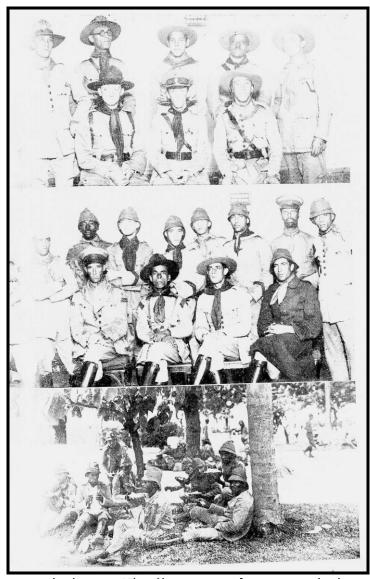
- posse de Juarez Távora como Ministro da Viação; posse de Pantaleão Telles, como Comandante da Polícia; e grupo de soldados -



- partida para o Norte do "bravo, intrépido" e "grande brasileiro" Juarez Távora -



- soldados e oficiais das tropas mineiras; a cozinha das forças de Santa Catarina instalada no jardim do edifício do Senado -



- oficialidade das tropas mineiras em Niterói; sargentos das tropas mineiras; e soldados de Santa Catarina no rancho -



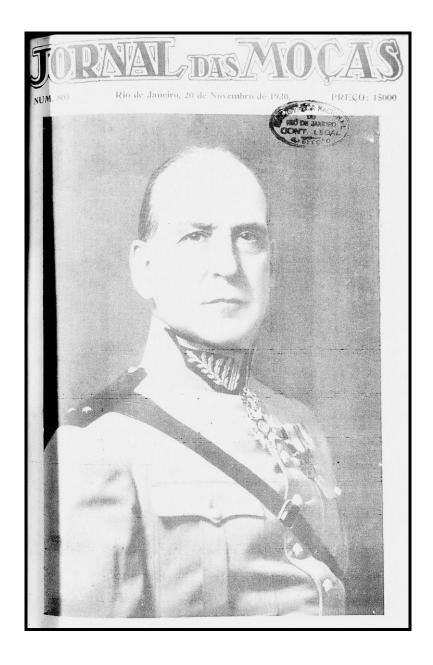
- senhoras que promoveram manifestação em homenagem ao general Menna Barreto -

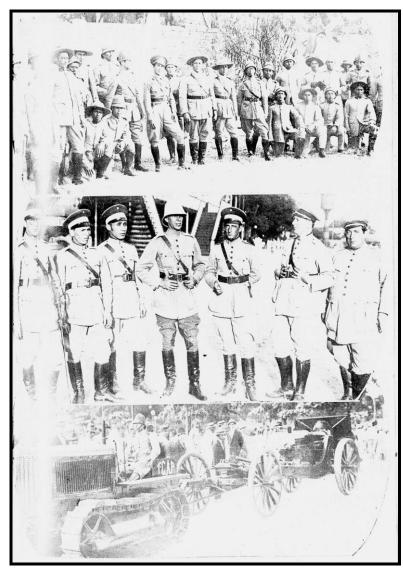
A capa de uma nova edição da revista feminil²³ trazia o retrato do general Leite de Castro, integrante do Governo Revolucionário, como Ministro da Guerra. Em tal número havia um texto encomiástico que, sob o título "Brasil Novo", homenageava, "num transe verdadeiramente épico, uma coorte de bravos e

 $^{^{23}}$ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 20 nov. 1930.

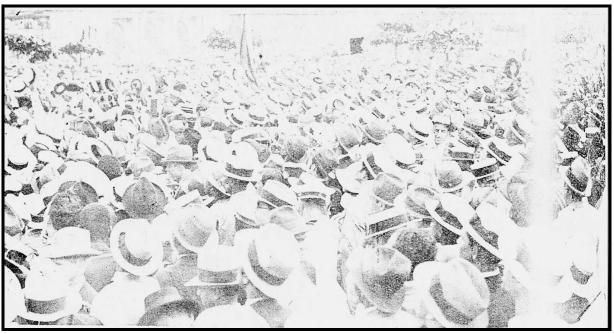
indômitos revolucionários", os quais, "em meio às vibrações dos sentimentos patrióticos, acaba de dar ao Brasil um novo sol – o sol da liberdade – que é a vitória estrondosa da revolução". Segundo o periódico, os rebeldes teriam quebrado "os grilhões que prendiam a Pátria ao jugo da tirania dos 'déspotas caricatos', detentores do seu destino, com o alvorecer da nova aurora". Os elogios permaneciam na constatação de que, "na defesa das causas santas" e "das elevadas aspirações do bem-estar coletivo, os revolucionários patrícios, de norte a sul do país, enfrentaram a luta, derramaram o seu sangue" e "abriram cultos para grandes mártires", vencendo "gloriosamente, como aquele pugilo de heroicos espartanos, nos desfiladeiros das Termópilas".

Segundo o *Jornal das Moças* a revolução vencera "pelo valor de seus heróis", levando também à vitória do "povo, pela altivez de suas ideias" e do "Brasil, pela queda das oligarquias e pela grandeza de seus filhos". Com destaque especial às figuras de Juarez Távora e João Pessoa, a revista previa que "o Brasil Novo, tendo à frente novos homens, exemplos de virtude e probidade, sem as inspirações de ódios e vinganças, de opressões e tiranias", faria "jus à legenda da bandeira – 'ordem e progresso'". Militares, transporte de armamentos, "massa popular", o chefe do Governo Provisório, as comemorações do 15 de Novembro, um "batalhão feminino" e sua comandante e a presença da primeira dama foram alguns dos registros fotográficos publicados pela revista.

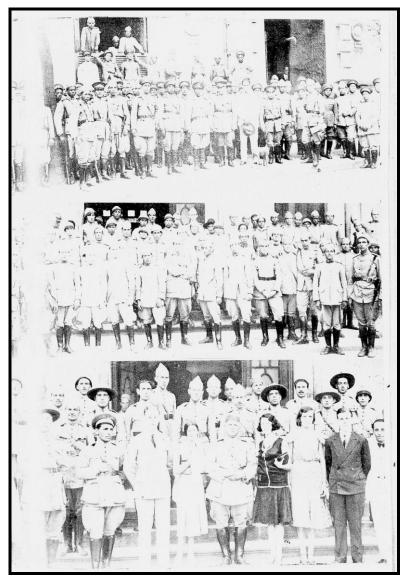




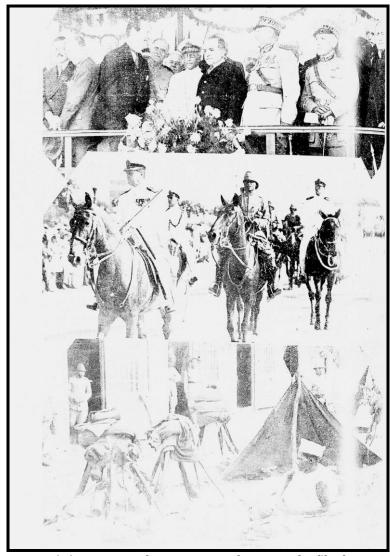
- "os grandes heróis da passagem da 'Garganta' em Santa Catarina"; oficiais de batalhão de cavalaria do Rio Grande do Sul; tratores conduzindo canhões de grosso calibre -



- "um ligeiro aspecto da massa popular", postada para assistir ao desfile das tropas no dia 15 de novembro -



- Polícia Militar em São Paulo, aquartelada no edifício da antiga Escola Normal; sargentos e soldados das tropas mineiras; e oficiais das tropas mineiras -



- Getúlio Vargas e seus ministros em palanque montado para o desfile das tropas pela data do 15 de Novembro; o novo comandante das tropas da Marinha; regimento de artilharia do Rio Grande do Sul acantonado na Escola Veterinária -



- Getúlio Vargas em revista às tropas no dia 15 de novembro; tropas revolucionárias oriundas de Santa Catarina -



"o 'Batalhão Feminino João Pessoa', de Belo Horizonte"; moças do referido batalhão assistindo à missa; alunas da Escola Profissional Paulo de Frontin -

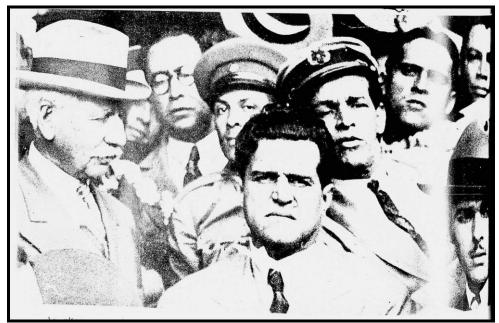


- "a Dra. Elvira Komel, comandante do Batalhão Patriótico Feminino João Pessoa -



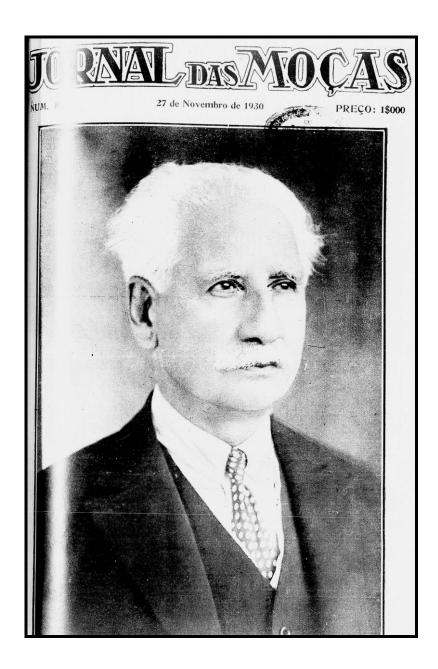
- a esposa de Getúlio Vargas, acompanhada de seu filho, desembarcando no Rio de Janeiro; "o Batalhão Feminino João Pessoa, organizado em Minas, onde prestou serviços de relevância à causa da revolução -

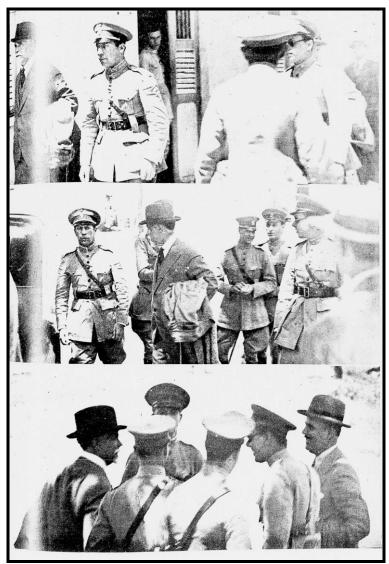
O político gaúcho Assis Brasil, que fora nomeado Ministro da Agricultura, era o destaque da capa de mais uma edição²⁴ do *Jornal das Moças*. O mesmo personagem apareceria também em outros registros, ao ser recebido no Rio de Janeiro. A troca de poder também foi simbolicamente demarcada nas fotografias expostas pela revista, ao mostrar os membros do governo decaído em direção ao exílio, ao passo que os novos detentores do poder, representados por Getúlio Vargas, ganhavam destaque.



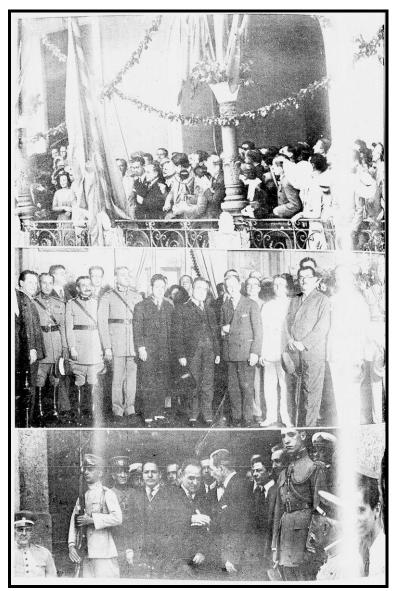
- chegada de Assis Brasil ao Rio de Janeiro, acompanhado de Batista Luzardo -

²⁴ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 27 nov. 1930.





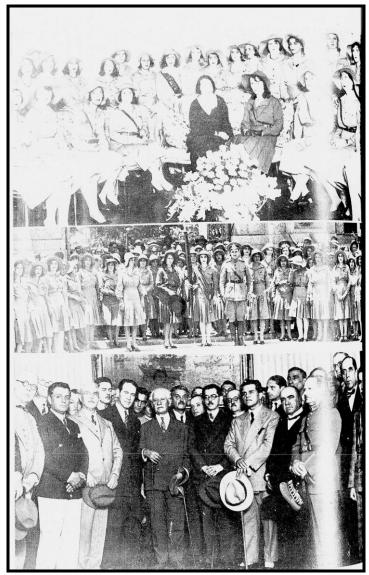
- Washington Luís saindo do Forte de Copacabana e sendo conduzido por militares para seguir para o exílio -



- Getúlio Vargas em solenidades no Rio de Janeiro -



- Getúlio Vargas cercado de oficiais na Escola Militar: missão de benção aos soldados; manifestação em homenagem ao Chefe da Polícia, Batista Luzardo -



- a primeira dama recebe o Batalhão Feminino João Pessoa e sua comandante; Assis Brasil por ocasião de sua chegada ao Rio de Janeiro -

Já no derradeiro mês de 1930, o *Jornal das Moças* ainda traria algumas referências à Revolução de 1930, como ao apresentar um poema em homenagem aos tenentes que chegavam ao poder, com o título "Os dezoito de Copacabana" em alusão ao primeiro movimento de rebeldia tenentista. Na mesma edição foram ainda registradas posses de membros do Governo Provisório, aparecendo também cenas da revolução no Estado de Alagoas. Em seguida, foi divulgado outro texto de enaltecimento ao movimento revolucionário, com o título "24 de outubro" saudando tal "data faustosa, que se imortalizará na História do Brasil, como 7 de Setembro e 15 de Novembro". A matéria descrevia os revolucionários como indivíduos "unidos pelos laços fraternais, comungando da mesma ideia, sentido em seus corações o mesmo patriotismo", de modo que "marcharam resolutos para a guerra e venceram", conquistando "a glória da liberdade para a amada Pátria".

²⁵ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 4 dez. 1930.

²⁶ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 11 dez. 1930.



A Nação Brasileira anunciava já na capa de sua primeira edição um escopo bastante amplo de enfoques, propondo-se a abordar ciências, letras, artes, política e atualidades, agricultura, indústrias, comércio, finanças e economia social. O programa da revista²⁷ explicitava que a sua própria denominação já diria, "em síntese, mas numa eloquência alta, luminosa e incisiva, tudo quanto ela aspira realizar", uma vez que, "nas suas páginas, ela quer que se reflitam todas as formas da atividade espiritual do Brasil: literatura, ciências, arte, política, história". O periódico procurava distinguir seu norte editorial de outros tipos de publicações, afirmando que "as revistas técnicas ou especiais têm, forçosamente, perspectivas limitadas", mostrando "os progressos do país em determinado campo", como "no direito, na medicina, na engenharia, nesta ou naquela arte, nesta ou naquela orientação mental", ao passo que "as próprias revistas literárias, que têm horizontes mais amplos, excluem muitos aspectos da vida social". Por outro lado, a *Nação Brasileira* manifestava o desejo de não excluir nenhum daqueles aspectos, "desde que tenham feição apreciável e digna, e constituam elementos do progresso cultural do país".

Nesse sentido, a revista não pretendia conter todos os citados aspectos, pois "seria até absurdo pretendê-lo, tão grandioso é o surto das energias nacionais, que aumenta em poder e extensão, à medida que ascende e se dilata". Entretanto, ressaltava que, "para todas" estas energias, voltaria, "naturalmente, a atenção, de modo a poder dar uma ideia do que representam, no conjunto da vida social brasileira". Revelando uma de suas tônicas editoriais, a publicação

²⁷ NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º set. 1923.

revelava que "o patriotismo é uma das forças que a movem, e, ao mesmo tempo, um dos luminosos ideais que a orientam". Esclarecia que não encarava o patriotismo como uma "forma desconfiada ou agressiva de egoísmo, e sim, culto da pátria, em que não há lugar para antipatias, largo bastante para ser uma elevada esplanada", na qual poderia ser contemplada "a humanidade, no passado, de onde um dia surgiu a pátria; no presente, a que a pátria se acha unida pelos fortes laços de solidariedade" e ainda "no futuro, para onde a conduzem os destinos do homem".

Ao apresentar-se, a revista ressaltava que "cada povo é uma individualidade política, uma organização da vida social", mas se achava "cada vez mais fortemente vinculado aos outros povos por interesses de toda ordem". Além disso, considerava que "a civilização humana é obra de colaboração, que vem no fundo longínquo da história, recebendo contribuições de toda a parte", como "de egípcios, hindus, assírios, fenícios, gregos e romanos, que a Idade Média conservou e desenvolveu, e as nações modernas tornaram mais brilhante, mais poderosa e mais útil, por meio da ciência, das artes e da indústria". Apontava ainda que tal civilização, "assim como resultou da cooperação de todos, a todos beneficia", constituindo "um vasto edifício, de construção indefinida na sua vastidão, destinado a conter a família humana em sua integridade", de modo que, "à medida que os povos nele têm ingresso, reconhecem que aquilo é produto do trabalho comum, e bem para gozo de todos".

Segundo a Nação Brasileira, tal "estado de consciência favorece a aproximação afetiva dos povos", criando "um benéfico ambiente de fraternidade, mas não dissolve a coesão dos agrupamentos nacionais", já que "para a obra da civilização é necessário que as nações desenvolvam as qualidades que lhes são próprias", podendo assim "tirar delas os valores que vão constituir o cabedal humano". Nesse quadro, o periódico afirmava que procuraria "ser expressão, modesta, mas sincera, da espiritualidade do nosso povo, nas suas faces diversas", alimentando "as mais fortes simpatias pela cultura dos povos americanos e europeus". Dessa forma, a revista pretendia ser "genuinamente brasileira por seus sentimentos, caráter e intuitos, sem deixar de, na medida de suas possibilidades, procurar seguir o progresso intelectual humano, onde se manifestar", de maneira que "o seu brasileirismo" não empanasse "as suas simpatias por todos os povos, assim como pelos indivíduos", os quais seriam, "por igual, membros da mesma família, conduzidos pelo mesmo planeta, através da imensidade do espaço", em direção a "um destino, que nos apraz imaginar que seja de justiça, de verdade, de beleza, de amor e de poder sobre as forças da natureza".

As manifestações da *Nação Brasileira* sobre a Revolução de 1930 ocorreram em uma edição que acumulava três números consecutivos, referentes aos meses de outubro, novembro e dezembro²⁸. A capa já revelava a adesão da publicação à nova situação vigente, trazendo a efígie de João Pessoa junto de duas damas, uma delas sustentando o pavilhão nacional na mão

²⁸ NAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, out., nov. e dez. 1930.

esquerda e a tocha, com a flama da pátria, na direita, enquanto a outra estendia um ramo de louros em direção ao personagem retratado. A escolha da revista para homenagear o movimento não recaía sobre os atores políticos que chegavam ao poder, optando pelo enaltecimento aquele que foi guindado à figura de mártir da revolução. A abordagem da publicação trouxe várias transcrições, no sentido de manter uma postura informativa, como ao destacar: o "Programa de reconstrução nacional - oração pronunciada pelo Sr. Getúlio Vargas, ao assumir a Presidência da República"; o testemunho do derradeiro governante da República Velha, sob o título "O último dia do Presidente Washington Luís no Governo"; a citação de jornais mineiros, com as matérias "A posse do Dr. Getúlio Vargas" e "Considerações sobre a dívida externa do Brasil"; o registro das "Palavras do Sr. Getúlio Vargas ao Correio do Povo de Porto Alegre"; o discurso pronunciado em localidade mineira acerca de "João Pessoa"; um "Documento precioso: um discurso do Presidente João Pessoa, em janeiro" e "Documentos históricos: uma convocação da Junta Revolucionária de Monte Santo". Sob o prisma noticioso foi editada ainda a matéria "Subsídios para a história da Revolução: como se deu a fuga de Juarez Távora e dois companheiros de causa da Fortaleza de Santa Cruz".

A presença do diretor da *Nação Brasileira* no Estado de Minas Gerais por ocasião dos acontecimentos que marcaram a Revolução de 1930 levou a revista a trazer em suas páginas a cobertura de tais fatos naquela região do país, com destaque para localidades como Guaxupé, Guaranésia, Alfenas, Passos, Varginha, Três Corações e Muzambinho. Nesse sentido foram editadas matérias

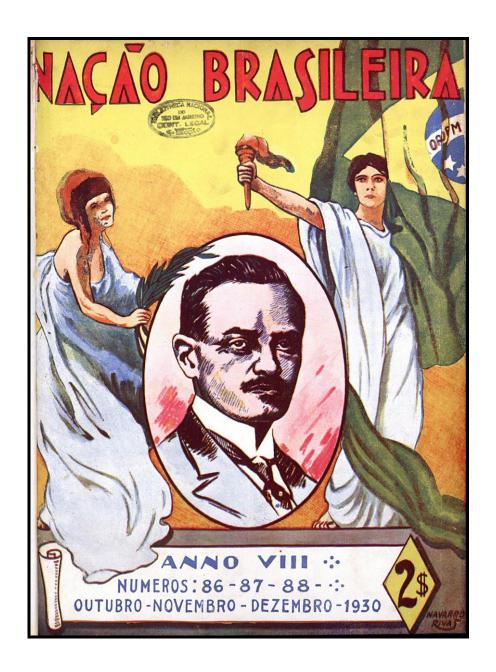
como "A Revolução em Guaxupé: a atuação do povo sul-mineiro — o entusiasmo pela vitória revolucionária"; "Notas sobre a Revolução Brasileira: a epopeia nas montanhas de Minas Gerais"; "Um grande povo e um grande presidente"; "A Revolução em Guaranésia"; "A vitória da 'causa liberal' comemorada pelo Grupo Escolar 'Minas Gerais', de Alfenas"; "Passos na Revolução"; "Guaranésia durante a Revolução"; "O patriotismo mineiro e a Revolução de 30" e "Os acontecimentos do sul de Minas nos dias sombrios da Revolução: a contribuição de Muzambinho para a vitória".

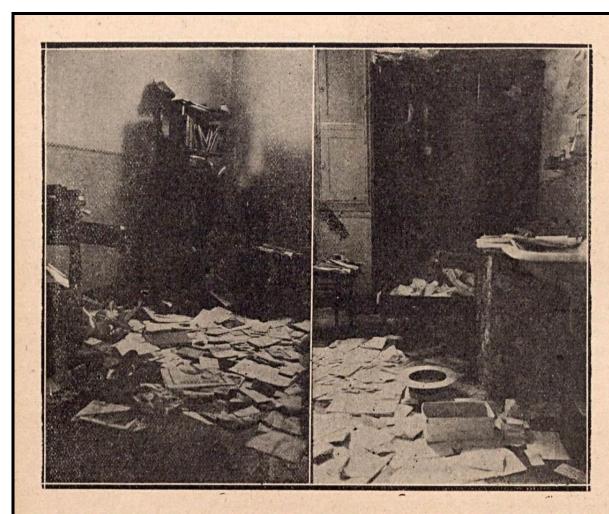
A adesão da revista ao novo regime ficou expressa em diversas matérias. Em uma delas, denominada "Pátria nova", o periódico afirmava que "no dia 3 de outubro o Brasil, como um gigante que despertasse de um sono longo, abriu os braços estremunhado, esfregou os olhos e gritou: Basta de inércia", vindo a erguer-se "poderoso e agiu contra os que procuravam tolher-lhe a ação e os nobres sonhos de trabalho e de ordem". Destacava ainda que "o Brasil acordou no dia 3 de outubro", pois, "ele estava, até então, cloroformizado", sendo tirado de tal situação pelos revolucionários, que teriam triunfado porque "batalharam por um ideal maior, por uma pátria livre e altiva". A *Nação Brasileira* exclamava que "bastava de corrupção" e "chegava de compadrio", de modo que "a alvorada do 3 de outubro é a data da redenção da Pátria, o dia da República Nova", uma vez que, dali em diante, o país estaria a iniciar "a sua fase verdadeiramente republicana".

Na mesma linha, a matéria "Nação Brasileira e a Revolução" explicava que "a revolução democrática de outubro" encontrara "o diretor desta revista na

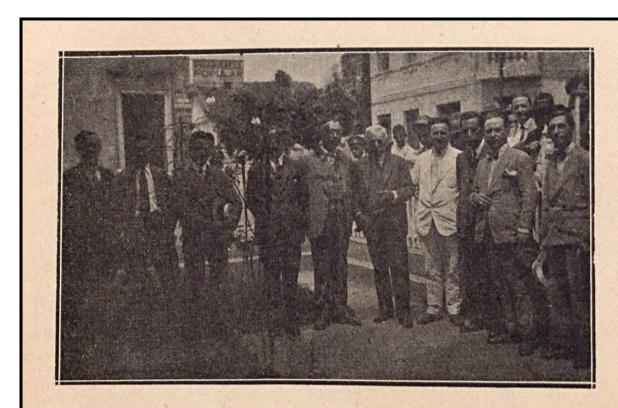
frente de batalha sul-mineira, já animando as energias cívicas, fazendo comícios às multidões exaltadas" e "auxiliando a organização de batalhões patrióticos". Durante os meses de outubro e novembro, permanecera o "diretor naquela zona em que se desenrolaram episódios verdadeiramente épicos" e "documentadores da pujança do patriotismo mineiro e do ardor belicoso dos seus soldados aguerridos". Tendo em vista a praticamente paralização das oficinas, a interrupção da distribuição postal e o colapso dos serviços de correio, a coluna justificava a suspensão da edição do periódico, bem como demarcava o retorno à normalidade, com aquele número especial, reunindo três meses, de modo que, "ao de dezembro são anexadas as matérias destinadas aos números de outubro e novembro, que deixaram de aparecer". Sobre tal edição, a redação dizia ter procurado "dar um resumo" do que fora visto "de mais interessante nos vários setores da grande jornada revolucionária".

Os registros fotográficos apresentados na *Nação Brasileira* deram ênfase às lideranças rebeldes, entre eles Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, Getúlio Vargas, Góis Monteiro, Flores da Cunha, Isidoro Dias Lopes, Menna Barreto, Batista Luzardo, Juarez Távora, João Alberto e Miguel Costa, bem como aos episódios que marcaram a derrubada de Washington Luís, os retratos dos membros do Ministério do Governo Provisório e o cardeal Sebastião Leme, que colaborara com a transição política. A presença do diretor da revista em Minas Gerais trouxe vários lances de episódios da revolução na região sulina deste Estado. Também apareciam detalhes sobre possíveis exageros cometidos pelas forças governistas durante o desencadear da revolta.



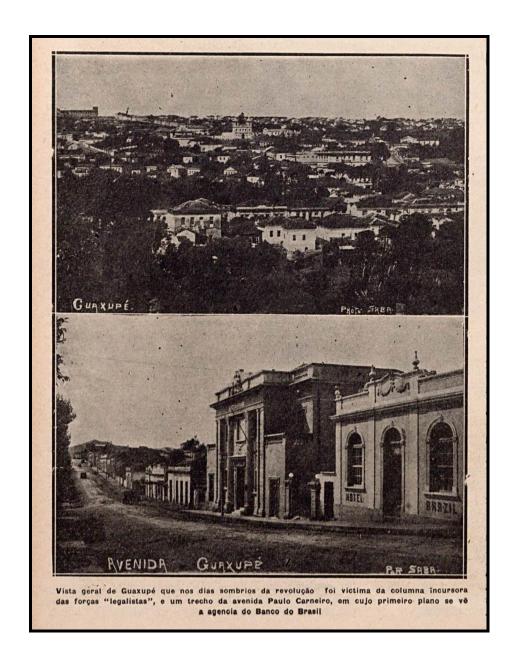


O lamentavel estado em que ficou o quarto do Dr. José Luz de Magalhães, promotor de Justiça de Guaxupé, depois da passagem das tropas que saquearam algumas residencias naquella cidade

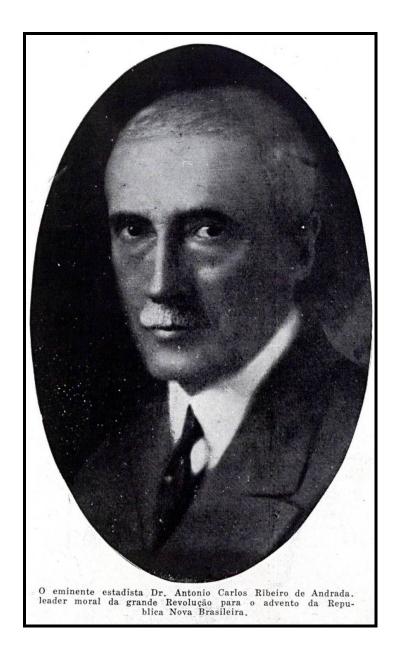


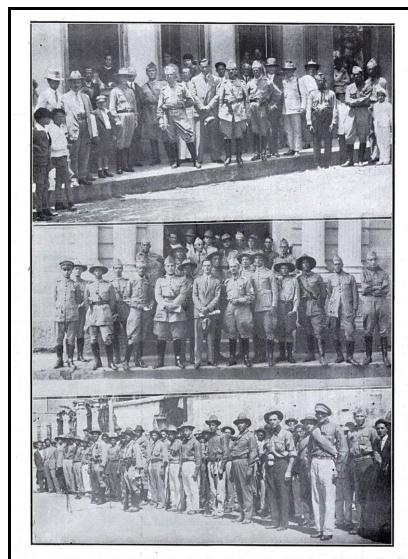
A passagem do Dr. Wenceslau Braz por Varginha. Photographia tirada no jardim da residencia do deputado Domingos R. Rezende, no dia 6 de outubro











Homenagem popular ao coronel Antonio Fonseca e seu estado maior no dia de sua visita a Guaranesia, em 27 de outubro ultimo. No cliché acima: 1 — o bravo Coronel A. Fonseca, commandante da coltmna do sector sul de Minas, entre o Dr. Leocadio Alves, juiz de direito, o coronel Affonso Linna, capitão José Toni, Dr. Sportelli, nosso director Dr. Alfredo Horcades, incorporado à sua columna e seus assistentes e ajudantes de ordem. 2 — O coronel Fonseca com a officialidade da sua columna, tendo ao seu lado o Dr. Joaquím Libanio, exvivec-presidente da Camarar, Municipal de Guaxupé. 3 — O garboso batalhão patriolico "Raul Soares", de Varginha









Coronel Góes Monteiro, autor do plano das operações militares revolucionarias e prestigioso vulto do novo Exercito remodelado, Fei o chefe do Estado Maior das forças revolucionarias do Sul do Brasil.



General Izidoro Dias Lopes, o chefe militar da revolução que irrompeu em S. Poudo, no dia 5 de Julho de 1924. Veio com o exercite libertador do Rio Grande do Sul para o seu posto de honra na jornada gloriosa de outubro. Actualmente é o Inspector da 2.º Região Militar, com séde em São Paulo.



General Flôres da Cunha, um dos maiores vultos da Revolução Brasileira, commandante de uma das columnas gaúchas que marcharam para Itararé e é, actualmente, o Interventor Federal no Estado do Rio Grande do Sul.



O bravo General Menna Barreto.



Dr. Baptista Luzardo, Chefe de Policia.



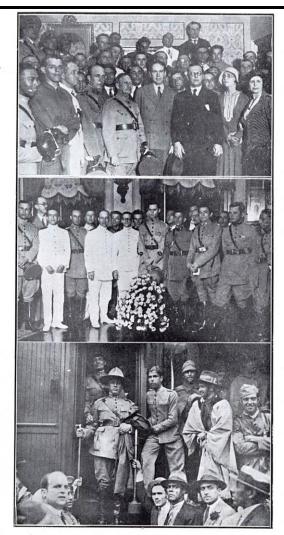
Juarez Tavora, o general das forças libertadoras em operações no norte do Brasil, uma das grandes figuras do momento actual brasileiro, um idealista de bóa e rara tempera.



Coronel João Alberto, Interventor no Estado de S. Paulo, que vem administrando com energia e larga visão da hora presente.



Coronel Bertholdo Klinger, o technico organizador do plano para o Golpe de Estado de 24 de outubro. Chefe de grande prestijo nas classes armadas, dirigio a Policia da Capital durante o Governo da Junta Militar.



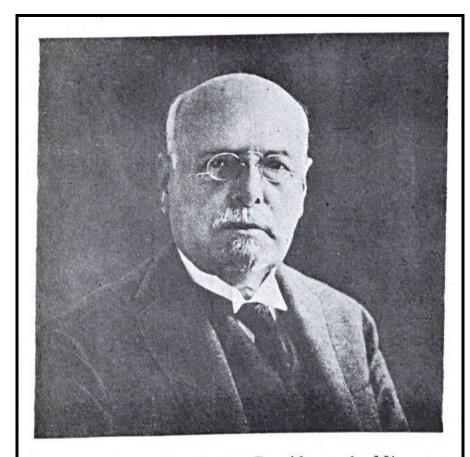
1.º — Os ministros Oswaldo Aranha e Lindolpho Collor ao chegarem a esta Capital. 2.º — O general Juarez Tavora recebido pelos seus collegas ae armas, ao chegar do Norte. 3.º — O general Flôres da Cunha desembarcando do vagão que o trouxe de São Paulo para esta Capital, na estação D. Pedro II.



General Miguel Costa. Chefe da Segurança Publica de S. Paulo, hoje um idolo popular depois de ter até os seus direitos de cidadão brasileiro negados pelas olygarchias caricatas. Foi o commandante em chefe das tropas revolucionarias do Rio Grande do Sul que formaram a vanguarda do exercito libertador.



Adolpho Bergamini, Interventor no Districto Federal.

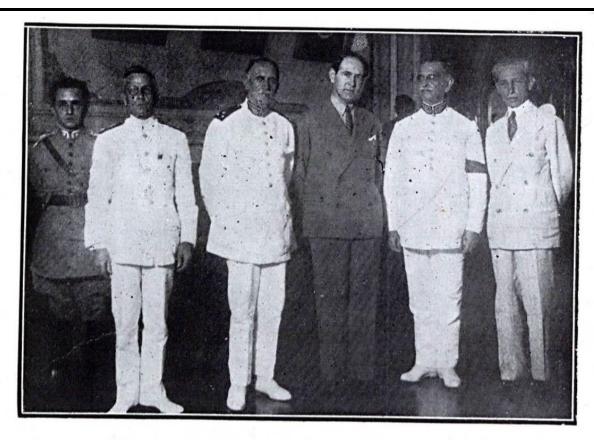


Dr. Olegario Maciel, Presidente de Minas Geraes, o illustre varão que, á frente dos destinos daquelle Estado, teve a celebre phrase: "Marque dia e hora para o inicio das operações de guerra". E no momento aprazado, religiosamente, corporificou o compromisso de honra.

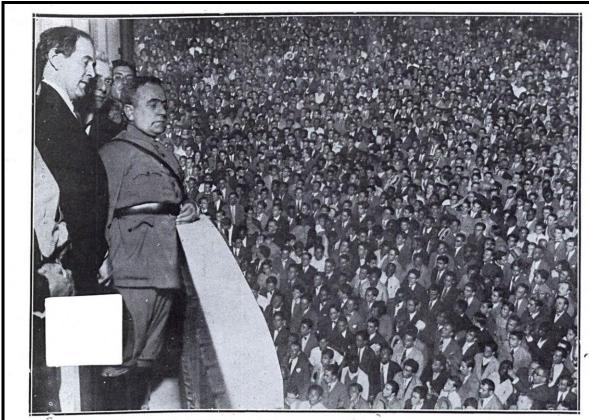


O ex-Presidente Washington Luis, ao lado do cardeal D. Sebastião Leme e em companhia de D.Benedicto, bispo do Espirito Santo, ao sahir doi Palacio Guanabara, ás 5 horas da tarde do dia 24 de outubro, para a Fortaleza de Copacabana.

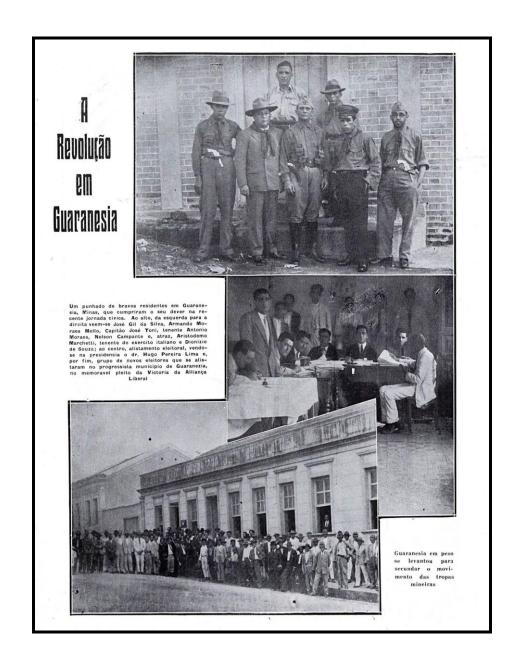


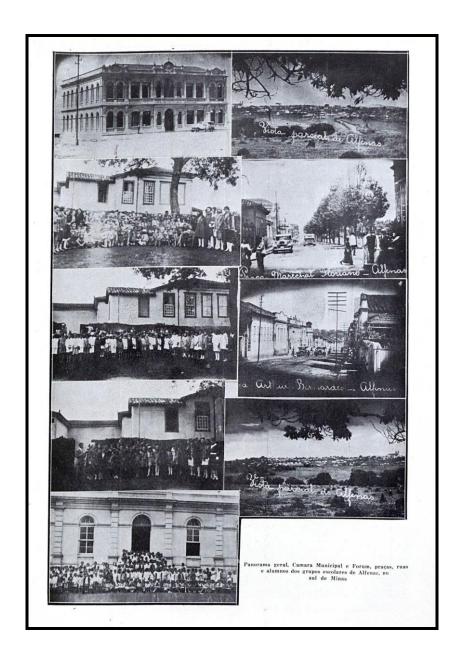


A Junta Militar composta dos generaes Tasso Fragoso e Menna Barreto e do almirante Izaias de Noronha, no Cattete, com os ministros Oswaldo, Aranha e Afranio de Mello Franco.



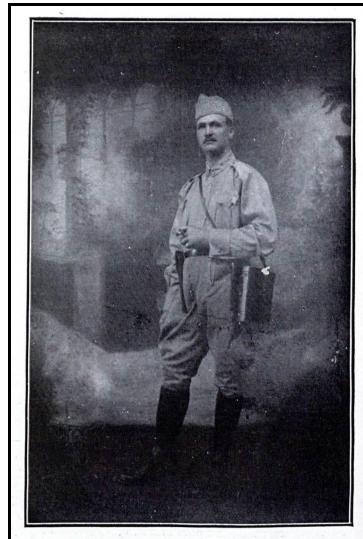
O Presidente Getulio Vargas, ao lado do Ministro da Justiça, Dr. Oswaldo Aranha, recebe, das saccadas do Palacio do Cattete, uma grande manifestação popular, no dia da sua chegada a esta Capital.



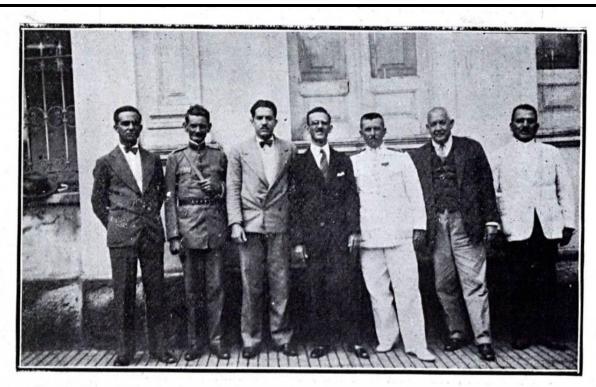




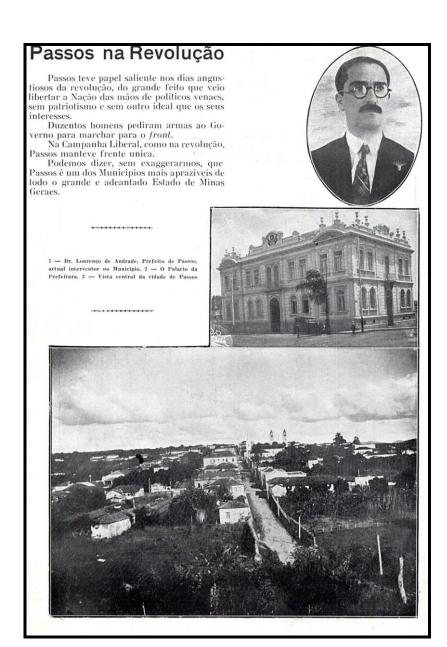
1 — O elegante e confortavel edificio do "Grupo escolar" de Guaranesia. 2 — Assentamento da pedra fundamental do novo edificio do Forum de Guaranesia, vende-se ao centro o virtuoso biapo D. Ramulpho da Silva Faria e o Dr. Benedicto Pereira Lima, benemerito Prefetto, Inter-encio naguella cidade sul-mineira. 3 — (no centro) Passagem do Dr. Benedicto Pereira Lima por Guazupe, de vota de São Paulo, onde estive principience político das forças reaccionarias. 4 — Panorama geral de Guaranesia, no Sul de Minnas Geraes

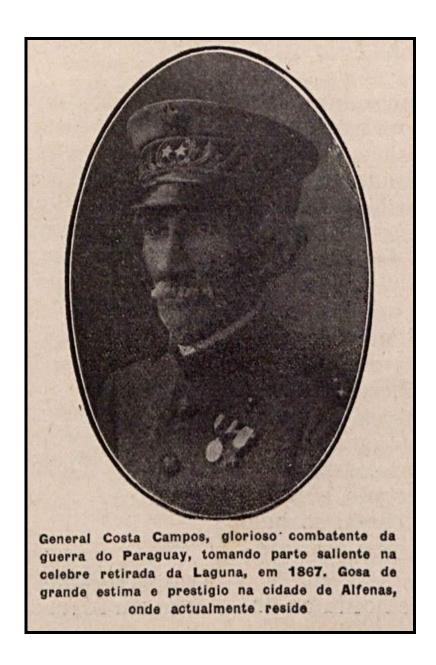


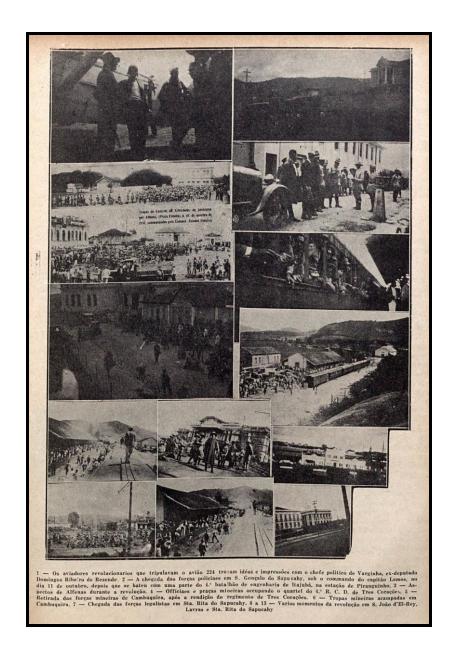
O bravo coronel Antonio Fonseca, prototypo do militar brioso e valente, que commandou, com sabedoria, uma das columnas que actuaram no sector do sul do Estado de Minas Geraes, tendo por séde, o seu Estado Maior, a cidade de Alfenas

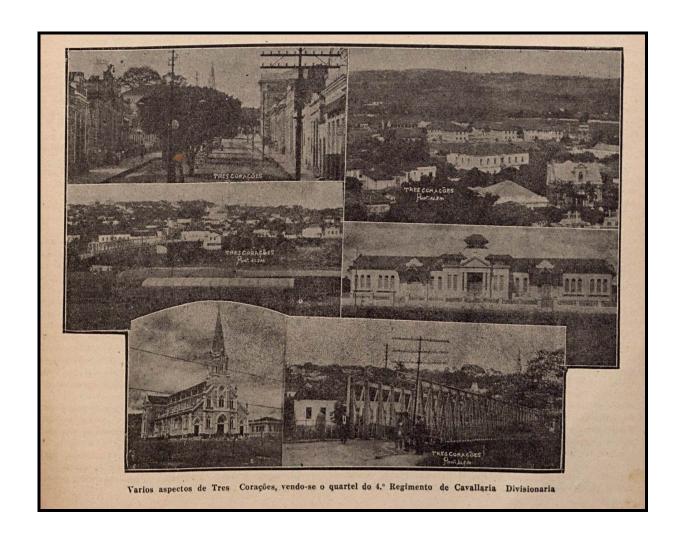


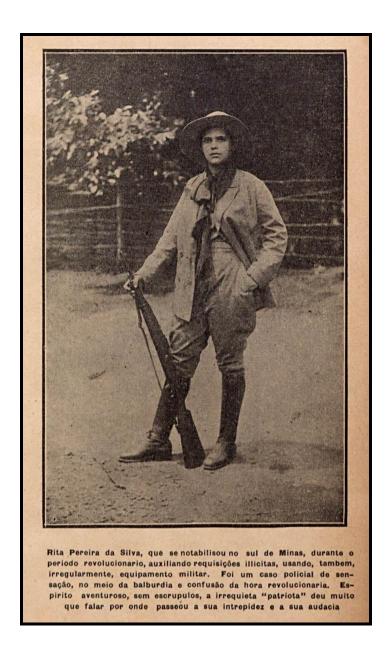
Grupo de prisioneiros politicos de Guaranesia, detidos no dia 11 de Outubro e conduzidos para a Cadeia Publica de S. Paulo. Ao centro o Dr. Benedicto Lima prefeito municipal daquella cidade sul-mineira, tendo á sua direita o Pharm. João Dias de Almeida 1.º juiz de Paz, tenente Candido Ribeiro de Miranda, delegado de policia e Manoel Corrêa Brasil, escrivão do jury. A' esquerda: Tenente Isolino Sigobia, delegado do serviço de alistamento militar, Pharm. Oswaldo de Almeida, ex-vereador da Camara Municipal e membro do directorio político local e Bartholomeu Lauria, emprezario do cinema.













A *Vida Doméstica* foi uma publicação mensal que circulou no Rio de Janeiro, buscando estabelecer um diferencial em termos editoriais, em comparação como outras revistas. Na "Apresentação"²⁹, a redação lembrava as várias edições de seu gênero, afirmando que "o aparecimento de uma nova revista em nosso meio já não é acontecimento digno, como outrora, de ser assinalado com adjetivos retumbantes", mas atalhava que, no caso da *Vida Doméstica* seria diferente, uma vez que a mesma seria "talhada em moldes que a fazem sair do comum, por um programa todo consagrado a assuntos úteis como a avicultura em geral, e a criação de todos os animais de utilidade ao desenvolvimento da nossa riqueza", assim como "a cultura e o aproveitamento das terras", mereceriam "algumas linhas de apresentação".

Nesse sentido, o periódico demarcava que se dedicaria "com esmero à criteriosa divulgação de todos os acontecimentos úteis sobre a natureza, concorrendo com todo o seu esforço para o levantamento da inferioridade em que ainda se encontram" temas como "as culturas, os meios de trabalho agrícola, a avicultura e toda a pecuária no Brasil, em relação a outros países, procurando mostrar como incentivo, o que já há feito". Buscava também apontar "as riquezas naturais como um aceno aos que, as ignorando, não vêm colher os preciosos frutos que em troca do trabalho honesto, elas oferecem, e dos quais tanto precisa o seu maior desenvolvimento progressista". Em conclusão, a *Vida Doméstica* visava a tratar, "com todo carinho, os assuntos que se relacionem com a vida do lar que, afinal, é o objetivo de todas as cogitações humanas".

²⁹ VIDA DOMÉSTICA. Rio de Janeiro, mar. 1920.

Apesar de seu foco tão direcionado, a *Vida Doméstica* não deixou de repercutir os episódios que cercaram a Revolução de 1930. Foi o caso do número de novembro deste ano³⁰, no qual o editorial, intitulado "O novo 15 de Novembro" fazia referência às mudanças ocorridas na República Brasileira. Nessa linha, matéria opinativa declarava que a V*ida Doméstica*, "orientada por um programa eminentemente afetivo e construtor, jamais tomou atitudes políticas", de modo que cumpria, "serenamente, há dez anos, a missão que voluntariamente nos impusemos de levar a todos os lares, com as nossas edições, a crença inviolável nos destinos da nacionalidade", bem como "fazendo a apologia das nossas grandezas e do labor em que a mão do homem patrício aperfeiçoa as dádivas do solo e eleva o índice do nosso potencial econômico", além de predicar "o culto da família como reduto nuclear da célula da Pátria". Dessa maneira, a redação expressava que "sempre a nossa preocupação máxima consistiu em ver o Brasil unido para as grandes realizações decorrentes do próprio imperativo da sua extensão territorial, e da energia mental e moral dos seus filhos".

Ainda assim, a revista esclarecia que deveria estabelecer "o comentário obrigatório", no sentido de "abordar de frente o formidável movimento histórico e republicano que acaba de ter por cenário todo o Brasil", o qual teria sacudido "as fibras do nosso organismo cívico, e tão fértil em lances heroicos como abundante em demonstrações de generosidade, de cultura e de beleza". Ao fazêlo, o periódico demarcava que tal atitude não rompia "com a nossa conduta de alheamento de episódicas questões políticas", já que não haveria como negar

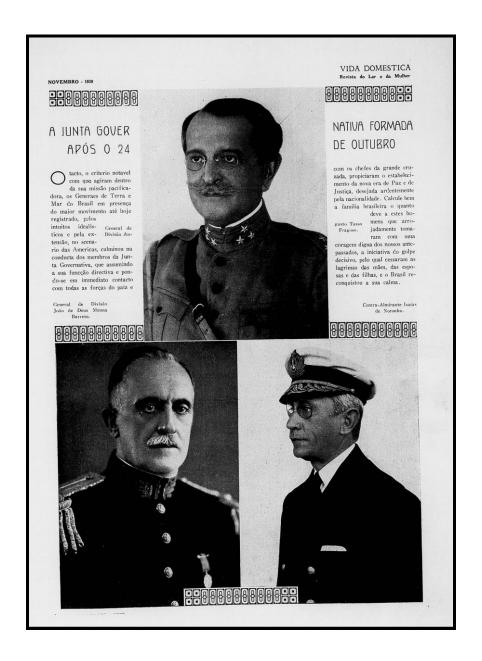
³⁰ VIDA DOMÉSTICA. Rio de Janeiro, nov. 1930.

que se tratava "de um movimento empolgante de autêntico e legítimo caráter nacional", em referência àquele "fenômeno coletivo de outubro". A publicação reiterava a expressão "fenômeno coletivo", justificando que ela seria aplicável por tratar-se, "no amplo sentido de uma polarização de sentimentos patrióticos", já que o movimento levantara-se "de norte a sul, setentrionalmente deflagrado em todo o nordeste; fazendo-se avalanche no rincão meridional do Brasil" e "enchendo as montanhas centrais", para vir a concluir-se "na apoteose pacificadora da capital da República".

Na concepção da revista, a partir da ação revolucionária, que teria tomado conta do país, fora "tudo transformado num bloco inteiriço, movido pelo desejo único: a paz entre os homens de boa vontade" e "entre os patriotas sinceros, empenhados na obra honrosa da construção de uma República Nova". Para a *Vida Doméstica*, "jamais se apagará da nossa memória o espetáculo inolvidável dos combatentes da véspera, abraçando-se e confraternizando, debaixo do pendão auriverde". De acordo com tal perspectiva, o periódico previa o surgimento de "um novo 15 de Novembro", diante do qual, "a História", a qual a publicação teria "a pretensão" de antecipar-se, viria a ratificar "este conceito, ditado por um sentimento de justiça".

Nos segmentos iconográficos apresentados pela revista houve destaques para os membros da Junta Governativa que derrubara Washington Luís, os quais teriam agido com "tato" e "critério notável", ao realizar a sua "missão pacificadora". Quanto às lideranças revolucionárias, o periódico buscou demonstrar que elas emanavam do sul, do norte e do centro, correspondendo a

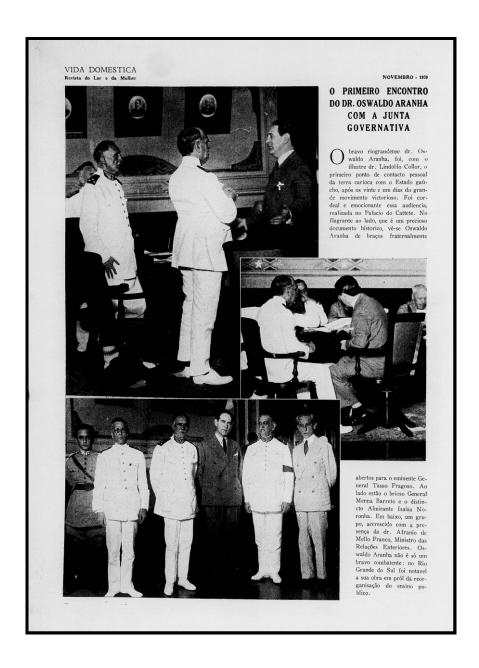
uma suposta unidade nacional em torno do movimento rebelde. Também houve ênfase aos oficiais militares que teriam se dedicado à pacificação do país. Foram retratadas ainda as primeiras negociações entre o representante das forças revolucionárias e os integrantes da Junta Militar, visando à transição para o Governo Provisório. As tantas recepções aos líderes rebeldes também foram registradas. Aparecia ainda o arrolamento dos retratos de chefes rebeldes do Rio Grande do Sul, associados à "cooperação de bravura e talento". Igualmente quanto às lideranças, foram apresentadas outras, algumas categorizadas como "chefes de partido e doutrinadores" e "tribunos populares". A revista intentou ainda apresentar as manifestações populares em prol da Revolução, com referência às "horas de vibração na capital do Brasil" e à "festiva chegada do Presidente Getúlio Vargas", cenas marcadas por grandes aglomerações populares. Também houve matérias sobre "homens e fatos do Rio Grande do Sul" e a "Polícia Civil da capital".





VIDA DOMESTICA NOVEMBRO - 1930 Revista do Lar e da Mulher GENERAL LEITE DE CASTRO GENERAL MALAN D'ANGROGNE O General Lette de Castro foi a sina do movimento de 31 de Outrotro. Designado-se em afiseo no idade lezar o justi por esta de lezar o justi por escapa de la casa Distincto official do moso Exercito. o General Mahan d'Angrone, que i'dono de um passado illustre, repleto de molditantes servicos à Patrie de la Republica, efficazement contribuiu para a victoria que coronu aspirações de Santalhadores da pacificação. Destemeroso e bravo, conduciu-se tambem com proslencia, dando crasção assim a que fossem calcançados e plemamente astisfeitos os desejos geraes dos patriotas que promoverema a jornada inolvidavel de 2º de Outubro. DA OS PACIFICAÇÃO GENERAES lhe a veneração dos jovens comman-dados. A Junta Governativa peceisom porém dos seus serviços no comman-do da Policia Militar e, assumindo-o. 6 General Dechamps continuou nesse-posto a collaborar com a causa nacional. A 1 do corrente festejou a sua data natalicia. No commando da nossa "Saint-Cyr", a tradicional Escola Militar do Re-alengo, o General Deschampa Caval-canti, correcto e culto official, con-quiston o cognome horpso de "pac dos Cadetes". A, sua maneira distin-cia de conduiri os moçes aspirantes à carreira nobre das armas valeu-

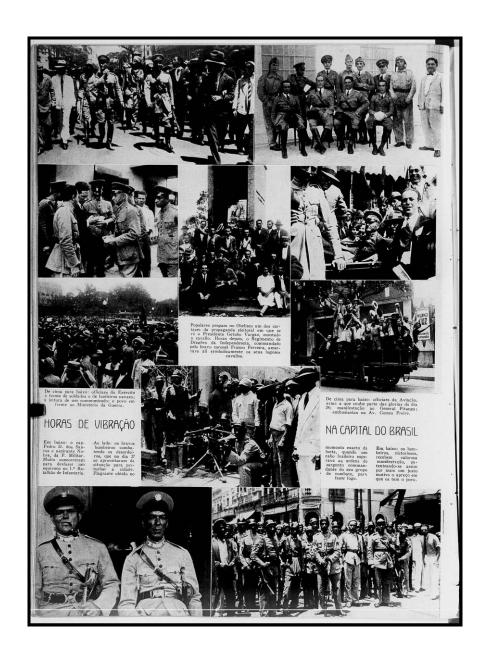
GENERAL DESCHAMPS CAVALCANTI

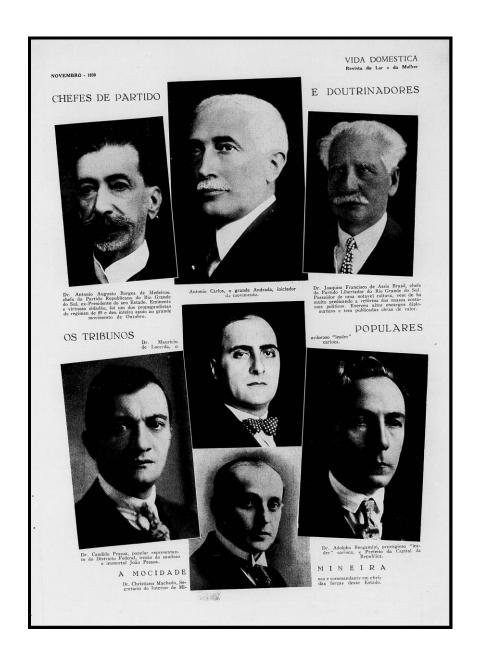


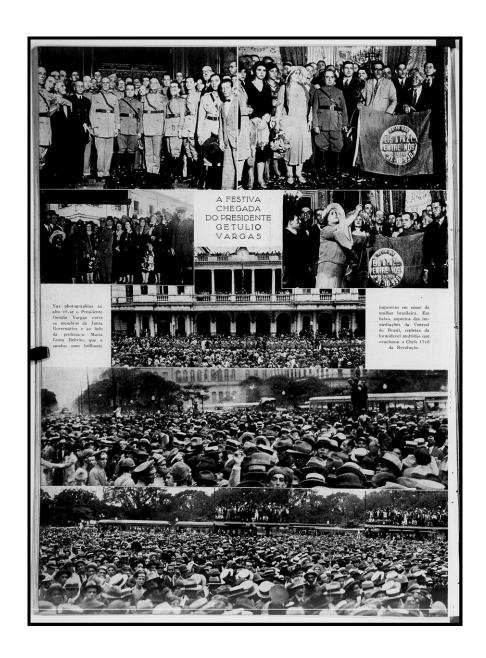




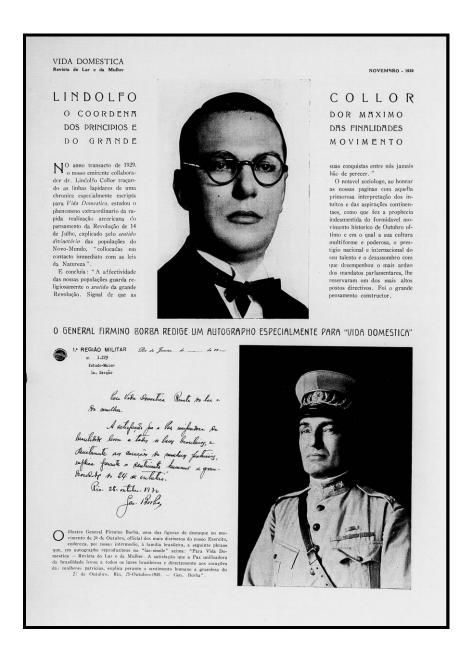












NOVEMBRO - 1929

VIDA DOMESTICA

HOMENS E FACTOS DO RIO GRANDE DO SUL

FLORES DA CUNHA, ALMA-SYMBOLO DO GAUCHO: A VIOLENCIA DO MINUANO, A GENEROSIDADE DOS FORTES, A GRANDESA DOS HEROES - DA ESPADA RELAMPEJANTE AO ABRAÇO SENTIMENTAL -GUERREIRO, GENTLEMAN, ORADOR - UM HOMEM

cidadesinha: em festas, sonhos que se des-fiseram como espuma. Sentinella vigilante do Brasil, o Rio Grande do Sul tem em cada seu filho um soldado. Essa circumstancia geographica terá concorrido para algumas das facetas do seu feitio altivo. O amor da

de liberdiade: uma hora depois de me ter cido entregue um salvo-conducto assignado nelo dr. Borges de Medeiros, Presidente do Edato, erame entregue documento do mesmo valor firmado pelo comité revolucionario. Com essas credencias eu podia atravessar todo o territorio conflagrado, como de facto atravesca; por toda a parte recebido com as mesmas gentifesas, ecreado dos mesmos cuidados e cumulado pelos mesmos favores. De um acaravamento revolucionario passava para uma Columna legalista. Facto que merece ser recordado como syntimentos nobres, delicadosa toda intuitiva na gente rude que por veses commandava: nunca me foi feita uma pergunta, pedido um esclarecimento, sobre o que se passava na

Uma tarde, o Ford que me condu-sia de Sant'Anna do Livramento para uma Fase da de um amigo que ia visi-tar, foi subitamente cercado, na planice, por uma numerosa força de cavallaria. Fasia sol, um pallido-sol de inverno, a declinar; o minuano cantava pelos coxi-lhas e cortava as faces, como um pu nhal muito aguçado. O commandante da força quiz saber quem eu era, para onde ia, quaes os

valheirismo, juntava aquella gente em um só bloco de incon-fundivel bel'esa.

meus documentos. Não reparei bem a que meus documentos. Não reparei tem a que facção partencia a força; assim, tirei do holso, ao acaso, um dos salvo-conductos. O capitão desdobrou, leu e disse-me: — lsto podia ser o seu passaporte para o utro numdo. Era o salv-conducto do Comité Revolu-cionario e a força era legalista.

Apresseine a mostrar o outro.
O capitão sorriu, apertou-me a mão e desejou-me boa viagem e bons encontros.
L: Zecca Netto conservo a impressão de maguerreiro biblio. Honorio Lemes já o comparei a Viriato — meio pastor, meio

um guerrero balloc. Honoro Lemes Ja or comparci a Viriato — meio pastor, meio guerreiro.

Um dos episodios de maior grandesa desses días que hoje se recordam, desenro-lou-se já depois de terminada a grande lucta armada. Essa pagripta em Uruguayana, a linda códade fronteiriça da Argentina. Não deve jassar sem reparo esse gesto de requin-tade fidalguia. Não foi escripta com a es-pada faiscante, mas com um abraço fra-ternal onde está toda a nobresa da alma gaucha, alma feita de violencias leonicas e de affoctividade quasi ingenua.

Flores da Cunha e Honorio Lemes foram, pelo prestigio de suas pessoas, pelo conjun-cto de suas excepcionaes qualidades e cir-cumstancias, as figuras maximas daquele mo-mento. Por mais de uma vez toda a lucta e syntheticou nas suas pessoas. As suas Columnas eram as que mais frequentements le latima. Um combate decisivo entre.

geme ruc que por vese commandare, nedido um es foi feita uma pergunta, pedido um es clarecimento, sobre o que se para influencia de la compo contrario de albeia, seria uma inutificade. Est era o estrangeiro, o hospede, o lornaliste imparcal. Esta comprehensão de licadissima da hospitalidade, só possivel nas grandes almas, facilitor-me essa perigirmação voluntaria que nunca mais esqueci. Por veses assisti a combates. As balas passavam sibilando, o corpos-a-corpo fasta rolar homens pelo cláto jungideo para esta de morte, a caevariria vermelho como vermelho esta de la compania del compania de la compania de la compania del compania de la compan



ec á frente do Grande Hotel Riac General Flores da Cunha, ac sanhados de outros soldados gauchos, com característicos da sua terra, despertam geral admiração dos cariocas,



O GENERAL FLORES DA CUNHA, em pose especial para "Vida Domestica", no Novo Hotel Riachuelo.

PERCORRI o Rio Grande do Sul em todas as direccões: as essa -DERCORRI o Rio Grande do Sul em todas as direcções; as suas planices casas, de um verde claro, cobertas por rebanhos interminaveis, as suas fronteiras abertas com o Uruguay e altas com a Argentina, as suas serras sombreadas por espesos arvoredo, as suas coxilhas ondeadas, por onde o minuano sopra como uma cartico regional. Convivi de perto como gaucho, que surprehenci no seu "habitat" por consultado por companheire da, com que corta o pão da companheire da, com que corta o pão da companheire da com en esta defende a partico de companheire. Por esta defende a partico de companheire da companheire da

VIDA DOMESTICA Revista do Lar e da Mulher

sinceridade; ambos eram delegados de vontades fir m es, ambos es sabiam com delegação de enorma contra de la contra del la contra de la contra del la contrada del la

Foram estes dois homens, que na planice e na serra se
procuraram durante
meses, farejando-se
como féras e em
uma orientação de
morte, foram estes
dois homens que durante meses condusiram e commandaram
algums milhares de
homens illuminados

nomens illuminatos pela fe e guidos pela confiança em seus chefes, foram estes dois homens, figuras maximas, absolutas, de duas causas, que se abraçam, entre vivas estrondosos, entre o brado alegre do estoirar das rolhas das garrafas de champagme — tão differente do brado sinistro das carrabinas e dos canhões.

Flores de unim reune todas as qualdiades caracteristicas do gaucho: bravura indonasvel generosidade sem fini, galhardia de gestos cuma bondace innata que o torna quasi infanita. Recorda-me os mais illustres chefes do liberalismo portuguez em 1820-34: Saldanha, o duque da Terceira, o marquez de Sá da Bandeira. Como Saldanha, como Terceira, como Sá da Bandeira, Flores da Cunha de gentleman completo, o homem de figentleman completo, o homem de figura de la completo de la completo de la completo, o homem de figura de la completo de la completo, o homem de figura de la completo de

gentleman completo, missimya deucação que por um poder extraordina rio de adaptação instantames es transiforma no guerreiro destemi-nea se transiforma no guerreiro destemi-nurbacer en human que se sente tão bem, tão á vontade sob o sol ardente dos campos por onde passa o espectro sinistro da morte, como dando o braço, no mais elegante salão, a uma embaixatriz estrangeira. Vi-o em Sant'Anna do Livamento, longo bar-vamento, longo bar-vamento, longo bar-vamento, longo bar-vamento, longo bar-

SIMÃO DE

eridade; ambos O GENERAL FLORES DA CUNHA PISA DE NOVO A TERRA CARIOCA ba cabindo sobre o



O General Flores da Cunha, commandando tropas do Exercito e da Brigada Militar, chega á estação Barão de Mauá. O General Firmino Borba, commandante da 1.º Região Militar e seu velho amigo da fronteira, yae dar-lhe as boas vindas.



O povo ancioso quer invadir o carro para testemunha



O General Flores agradece as acclamações.

NOVEMBRO - 1930

ha cahindo sobre o queixo, cartuxeira e pistola á cinta, botas altas e ainda enlameadas, uma forte e grosseira camisola de la. Era o cheré actuaria horizadas pecial das guerrias. Vi-o na sala de um hotel em Bagé, escanhoado como o frequentador assiduo de um cubb londrino, gentil, amado, homem de sociedade. Uma parlamentar, ironico umas veses, torador correcto, de uma argumentação cerrada como as cargas da sua cavallaria. A voz com que o ouvi commandar nas como as cargas da sua cavallaria.

buna.

Flores da Cunha é um dos mais curiosos typos da actualidade brasileira. A sua vida é a historia de um Homen. E'
de principios Homen de analyura o de la tivez e uma a firmativa.

um grito de altivez e uma afirmativa de principios. Homem de palavra, o que um dia prometteu, seja o que fôr, cumprirá um dia.

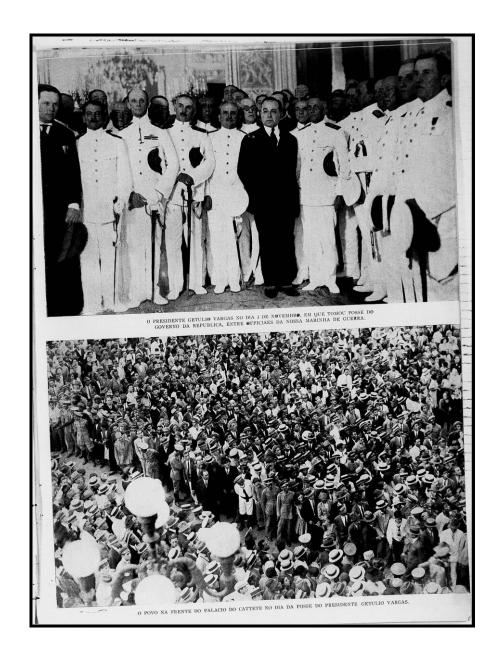
cumprira um dia.

Sc, porém, escreveu paginas de copoiça com sua espada ao sol rutifiante dos pampas, se agora se cobriu de movas louros por actos de bravum de movas louros por actos de bravum pagina de maior bellea é a non escrevei o seu generoso coração, que sabe perdoar ao inimigo wencido e vê nesse vencido um irmão a quem vae maparar na hora dolorosa da queda.

O abraço em que estreitou Honorio cemparar na hora dolorosa da queda.
O abraço em que estreitou Honorio cemparar na do homem que symbolisa a alma gaucha: a violencia do minuano, a generosidade dos sentimentos, a fidal-generosidade dos sentimentos, a fidal-generosidade dos sentimentos, a fidal-generosidade do D. Brasil inicia, nesta hora, uma das

O Brasil inicia, nesta hora, uma das maiores paginas da sua Historia. Nessa pagina collabora este homem extraordinario pela multiplicidario pela multiplicida caracter, onde fica gravada toda caracter, orde fica gravada toda caracter, orde fica gravada toda caracter, orde fica gravada toda congulha de ser a sentinella vigilante do Brasil e em cujos globulos sanguineos palpita tudo quanto constitue a grandesa de um povo.

LABOREIRO





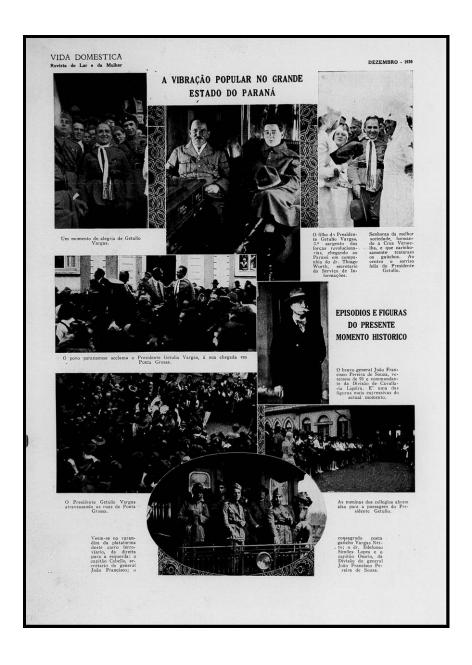
A derradeira edição da Vida Doméstica do ano de 193031 voltava a fazer incursões ao movimento revolucionário de tal ano. Em matéria intitulada "O Natal e o coração da mulher brasileira", o periódico estampava fotografia, expressando elogios à primeira dama e mostrando-a recepcionando um grupo de mulheres que compunham um "batalhão feminino" mineiro. A revista saudava o fato de aquela data comemorativa estar sendo celebrada em "paz", com "o retorno da tranquilidade aos corações", de modo que poderia "a família brasileira reunir-se, para a consoada tradicional, sob a égide suavíssima do inexcedível carinho feminino", uma vez que aquele mês final do ano estaria "sob os auspícios sereníssimos da Mulher-Rainha do Lar". Segundo a publicação, as representantes do sexo feminino tudo teriam feito "pela paz e mesmo quando nos campos da luta", elas "seguiam no rastro dos regimentos, pondo sobre as feridas o lenitivo de um bálsamo, era a paz que espargiam sobre os combatentes". Além disso, "as orações, as preces, toda a força imponderável das crenças religiosas" feminis teriam apressado "a hora pacificadora". A partir de tais constatações, o periódico conclamava: "Mulher brasileira: este Natal de esperança e promessa, mais do que qualquer outro, ao teu boníssimo coração pertence, de direito!".

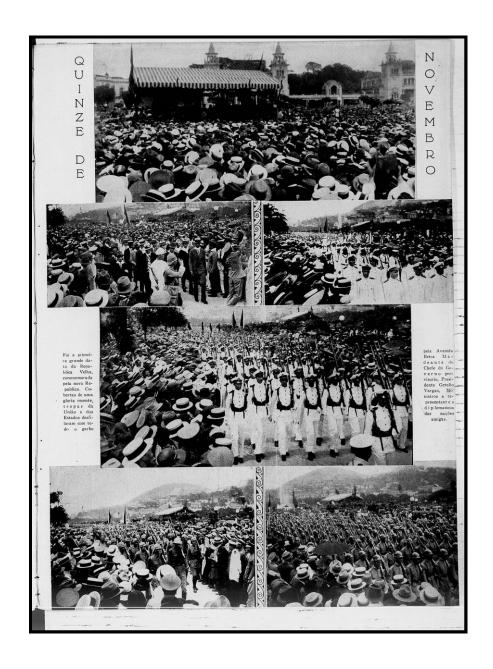
A cobertura fotográfica continuava, destacando "a vibração popular no grande Estado do Paraná"; "episódios e figuras do presente momento histórico"; as comemorações do 15 de Novembro, com a constante presença do novo chefe de Estado; a atuação do líder mineiro Arthur Bernardes; "a coluna gaúcha do

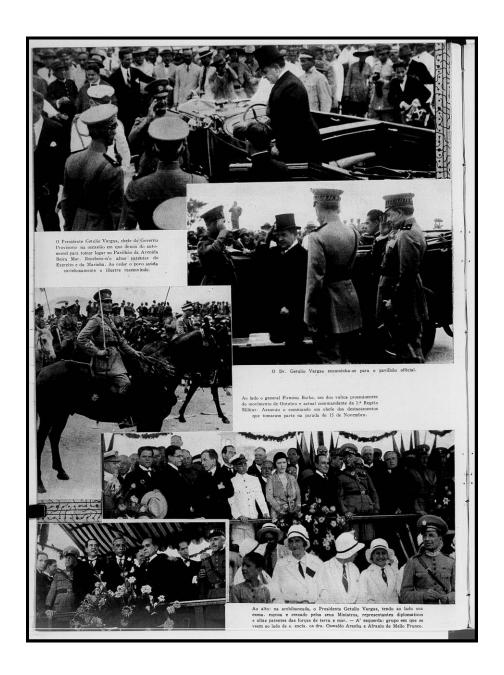
³¹ VIDA DOMÉSTICA. Rio de Janeiro, dez. 1930.

bravo general Elisário Paim Filho"; o papel exercido pelo líder tenentista coronel João Alberto; o sentido da ação de José Carlos Macedo Soares, considerado como "uma grande figura de São Paulo dentro da Nova República"; os militares no Estado de São Paulo; o retorno do chefe tenentista Miguel Costa para o Brasil; e a posse em vários cargos públicos em diversas esferas do poder; além de um destaque especial à presença feminina nas comemorações e solenidades a partir da vitória revolucionária.

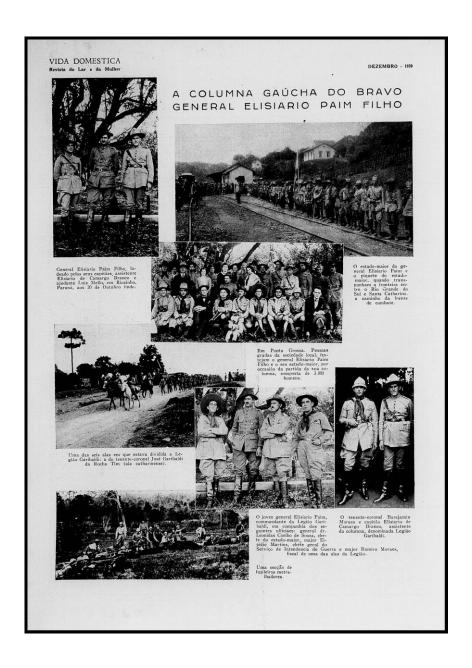


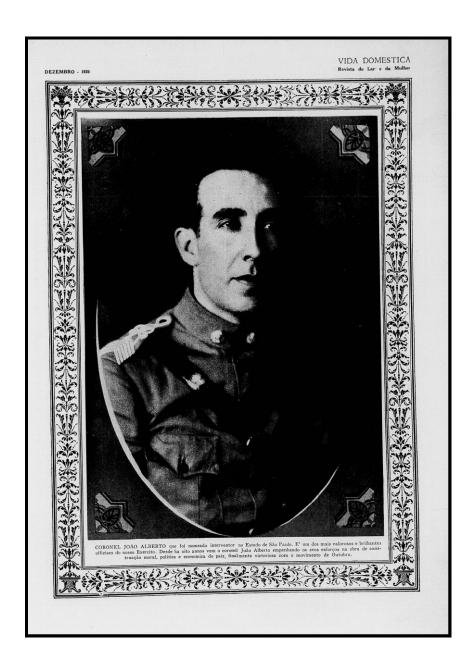






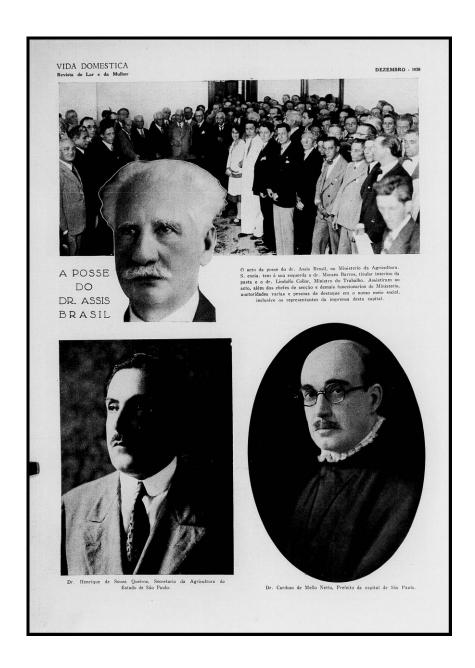


















VIDA DOMESTICA Revista do Lar e da Mulher

DEZEMBRO - 1930



O mais recente retrato do General Miguel Costa, tirado quando s. s.ª gentilmente accedeu em posar para a succursal de "Vida Domestica" em São Paulo.

DEPOIS DE SEIS ÄNNOS, O PRIMEIRO NATAL DE MIGUEL COSTA, EM TERRAS DO BRASIL, AO LADO DA FAMILIA

EPOIS de seis annos, é este o primeiro Natal que o General Miguel Costa vae passar em São Paulo, junto da familia. Quem lhe conhece a bravura, o valor militar — e são todos os brasileiros que o sabem possuidor dessa capacidade viril de ação, energica, afoita e tenaz — inagina Miguel Costa um homem infenso da ternura, alheio á doçura dos instantes emotivos da sentimentalidade. Entretanto, o commandante actual da 3.º Brigada de Infantaria constituida pela Porça Publica de São Paulo, é um homem que vive pelo coração. E o episodio até agora não divulgado e que Vida Domestica narra nesta pagina, crente de que constituirá a têmesmo para Miguel Costa uma surpreza gratissima, pois elle proprio talvez vagamente recorde o facto, illustra bem a nossa asserção acima.

Foi no anno de mil novecentos e vinte e seis.

Era Miguel Costa o commandante em Chefe da grande columna de Cavallaria que percorreu todo o sertão do Brasil, subindo e descendo, e ascendendo outra vez, para ainda volver sobre os seus passos, entrando no Maranhão, cercando Theresina, e vindo pelo Ceará, Parahyba, Pernambuco e Bahia até Minas do Rio das Contestes. E apôs, Matto Grosso. Foi uma épica jornada, cognominada o maior feito da cavallaria nas Americas. Chegavam a fazer, as suas cinco columnas, até vinte leguas por dia, cada dia, marcado por um combate, combates dados no rectaguarda e offerecidos pela frente, como em Roça Nova e Cipó, no mez de fevereiro, em horas de sol meridio.

Gentleman consumado, no guerrilheiro não se apagavam os trado cavalheirismo do antigo official da Força Publica de São Paulo, detentor de premios varios nos concursos hyppicos do Rio: tinha o cuidado de barbear-se diariamente. E dahi a impressão das populações por onde passava de que aquelle homem esbelto, cuidadoso da sua pessoa, trajando um uniforme tão alinhado quanto o permittiam as vigilias perigosas, vinha, fazia já cerca de tres annos, n'uma ininterrupta marcha, batalhando sempre.

E, de uma feita, após um renhido choque com as forças contrarias, superiores em numero, chega o Estado-Maior ás portas de uma casa de fazenda, em Pernambuco, proxima ás margens do São Francisco, quando as tropas revolucionarias iam transpor o caudaloso leito para entrar em terras da Bahia.

O General Miguel Costa, recebido pelo dono da casa e por sua familia, cumprimenta com affabilidade a todos. Convidado a senarerse, os olhares daquella gente, simples e hospitaleira, fixam-se com admiração no Commandante intrepido. Apparecem creanças; meninas e meninos. Miguel Costa affaga-as, senta-as no collo. Subito, duas lagrimas correm-lhe pela face. Procura escondel-as sob o lenço, mas todos lhe haviam logo, percebido a emoção. E o General murmurou, como explicando aquella amorosa fraqueza:

- Eu, tambem, tenho uns brincos, assim, mimosos...

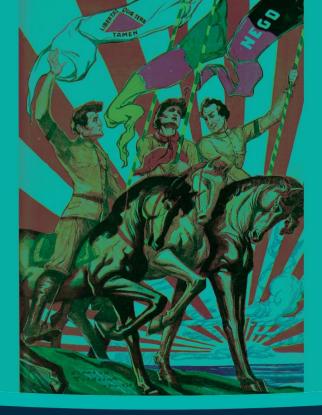
Naquelle momento, o espirito de Miguel Costa volvera para junto dos filhos, que estavam longe e que não sabia se voltaria a revêr...

Por isso este Natal será grato para o sentimento affectivo de Miguel Costa, que, após seis annos de exilio póde, de novo, em São Paulo, festejar com os seus "brincos" os seus queridos filhos, a data maior da familia: o vinto e cinco de Dezembro.





A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.





A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Fundação para a Ciência e a Tecnologia





edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-89557-31-9